

Este exemplar corresponde a redação final da Tese defendida por Antenor Antonio Gonçalves Filho e aprovada pela Comissão Julgadora em 18.09.84.

18.09.84
[Assinatura]

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - (UNICAMP)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

27 Jan 84

O ENSINO DE LITERATURA : UM FATOR DE FRAGMENTAÇÃO
DA PRÁXIS CULTURAL

ANTENOR ANTONIO, GONÇALVES FILHO

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação na área de Filosofia e História da Educação à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Dias Sobrinho.

CAMPINAS - 1984

UNICAMP

agradecimento

*pela coragem e risco ao acreditar
no maior filósofo da america lati
na - quiça do brás - professor Dr
José Dias Sobrinho minha gratidão*

Amunturay Zu
Lipin
Lipolo
Lipin
Lipin

"A linguagem é não só uma escola
de sabedoria, mas também uma es
cola de loucura." E. Cassirer

I N D I C E

P A R T E I :-

1. - *Introdução* pág. 01
2. - *Uma questão preliminar: o conteúdo do ensino* .. pág. 05
3. - *Alguns conceitos: Literatura, Escola, Cultura e Ideologia* pág. 20
4. - *Ainda uma vez a questão da cultura e da literatura* pág. 52
5. - *Ainda uma vez a questão da ideologia e da literatura* pág. 62

P A R T E II

- Colhendo um exemplo: Euclides da Cunha ou a arte da linguagem traída* pág. 68

P A R T E III

- A literatura e a prática pedagógica* pág. 88

P A R T E IV

- Que Fazer ? pág. 110

1 - I N T R O D U Ç Ã O :

Um trabalho sobre o ensino de literatura na escola pública envolve diretamente a questão do conteúdo de aprendizagem da literatura e da educação de um modo geral. Isso porque a língua, pelo poder que carrega de organizar o pensamento, sempre foi a forma mais privilegiada de expressão que as escolas alimentaram e alimentam quase como um pesadelo. Não sendo o único instrumento de expressão que possuímos para representar o real, a língua - e sua representação mais acabada: a literatura indubitavelmente constitui um dos instrumentos mais maravilhosos e mais malditos que o homem criou. Por meio dela posso ocultar o real, posso confundir, gerar fantasmas, levar o homem a becos sem saída, estigmatizar, marcar o homem como se marca o gado; mas posso também descortinar a confusão, explicitar a dúvida, desocultar o obscuro, desmarcar o falacioso, construindo um caminho para a prática da liberdade.

Um estudo sobre o ensino de literatura se justifica, portanto, não só pelo alto grau de privilégio que ocupa o ensino de língua, como também por outros fatores facilmente identificáveis. Um deles basicamente se assenta ao próprio papel do ensino da literatura de conservar e divulgar os valores morais da classe social que detém o poder econômico e, portanto, político por meio da escola. Convém ressaltar evidentemente que a literatura constitui uma instância muito grande de exercício de liberdade humana pela sua forma sui-generis de conhecimento da realidade. E é justamente por isso e sobretudo por isso que o ensino de literatura sofre, de modo disfarçado, um assalto e um bloqueio, um assalto na medida em que o discurso literário sobre o próprio texto de literatura nada tem a ver com o próprio texto de arte que a literatura contém; um bloqueio porque a forma de apresentação do texto literário, como veremos, fragmenta e dificulta

o acesso ao conhecimento da realidade - contexto do qual a literatura emerge como forma mais significativa de representação.-

Não é pretensão nossa certamente procurar tudo o que a literatura possa conter. O que se pretende mais é trabalhar sobre o discurso que se faz sobre a literatura sem descuidar desta. Sabemos que numa antologia ou livro didático há duas formas de discurso: o texto literário e o discurso sobre o texto, com certos critérios e padrões e que cabe saber que critérios são esses e sobre que se fundamentam. Não se pode, no entanto, perder de vista certas questões fundamentais que a literatura levanta e que mesmo que não se obtenham respostas, pelo menos precisam ser mantidas e provocadas. Indicamos, por exemplo, a questão - não falsa de se saber se a literatura é algo ensinável (alguns retóricos da chamada escola livre perguntariam antes se alguma coisa se ensina). A literatura facilita o acesso ao conhecimento da realidade ou é apenas uma forma sutil de mascará-la? Por vezes poderíamos pensar que ela é uma maneira de reproduzir as relações sociais existentes e veicular de modo privilegiado ^{UMA IDEOLOGIA} de classe? Seria a literatura, numa concepção dialética, uma visão mágica que possibilitaria ao homem escapar da realidade e ao mesmo tempo uma denúncia dessa realidade? Ela é um saber que tem um poder que pouco sabe? É realmente um exercício privilegiado de liberdade humana ou uma loucura que se tolera para dar a entender à maioria que a liberdade é possível? Por que tantos textos sobre a literatura se o próprio texto literário encerra em si mesmo um valor educativo? Que valor educativo é esse? Tantas perguntas, tantas, e se conseguirmos levantar outras poderemos certamente estar quites com a tarefa.-

De maneira ampla, no entanto, cabe circunscrever esse território movediço de nossa aventura e verificar se o ensino de

literatura, como afirmação geral do título nas escolas públicas, tem constituído realmente um fator de fragmentação da práxis cultural; se a linguagem da realidade que essa literatura descreve' o modo como os textos são selecionados e ordenados e o discurso sobre os textos oculta essa realidade; e como discurso final dessa aventura, procurar contribuir para uma ~~recria~~ reorientação do conteúdo programático dessa mesma literatura. Como procura e segmento do mesmo processo, constituir um fator de ajuda, embora frágil, de recuperação de autoridade do professor na medida em que se recupera a idéia do conteúdo, sem contudo privilegiá-lo.

Num esquema geral dessa busca tentaremos seguir três momentos: primeiro, uma abordagem de alguns conceitos-chave e que constituirão elemento de apoio - instrumento de compreensão da realidade. Há conceitos que devem constantemente ser revisto para serem vistos ao crivo de nossa percepção e à luz de nosso tempo - por ser obviamente de nosso tempo. Escola, cultura, ideologia, literatura, constituem instâncias face às quais devemos nos obrigar, pelo seu alto grau de complexidade, a uma compreensão prévia, a um posicionamento crítico a partir do qual se sustentará a idéia diretriz do próprio trabalho. Esse primeiro momento - seguindo uma linha de raciocínio quase dicotômico - será completado (ou reaberto?) com a retomada da problemática da cultura e da ideologia. O segundo momento abrangerá um inventário crítico de um texto literário (Euclides da Cunha), endereçando a seguir para o manual didático propriamente. Um certo número de livros didáticos' serão vistos compreendendo desde as discrepâncias do conceito de literatura que eles contêm, a maneira como os textos são selecionados, a apresentação gráfica, as omissões, como ideologia é veiculada etc.

O terceiro e último momento concentra-se-ã no que-fazer com os nossos textos didáticos. Ou no que não fazer. Ou ainda - para' salvar a dúvida-: no que-fazer-e-não-fazer .-

Uma última questão se refere ao método. Vamos utilizar o método dialético e histórico, pois é o que se adequa ao fato comumente aceito de que a realidade social é dinâmica, e sobretudo porque a literatura procede de um fenômeno historicamente analisável e por responder a necessidades sociais e individuais. Deve -se - ainda procurar superar uma análise linear entre literatura e sociedade, entre cultura e literatura (no fundo são dimensões de uma mesma realidade) numa direção dialética em que a sociedade' "vista por dentro", seu discurso (a literatura), se torne compreensível. Essa análise tem a pretensão de ser um discurso afi nal crítico e que surpreenda contradições do papel ideológico - dos textos sobre os textos literários e desocultá-los se assim' "o engenho e a arte" virem em nosso socorro.-

2. - UMA QUESTÃO PRELIMINAR : O CONTEÚDO DO ENSINO

O conteúdo, um componente curricular importante da ação pedagógica, volta a ser questionado. Durante muito tempo a atividade (processo) dominava as discussões em torno da questão do "bom ensino". Percebe-se hoje que o professor, ao renunciar o seu papel de "guardião da cultura" em nome de um simples animador ou facilitador do processo ensino-aprendizagem, aliado evidentemente a outros fatores, perdeu sua autoridade de mestre das gerações novas e - consequência mais desanimadora - jamais chegou a ser também um animador de aprendizagem. Reconhece-se que a atividade é também uma questão de conteúdo.-

O que tem obscurecido durante tanto tempo o debate em torno do conteúdo, do que ensinar ao adolescente - e pensamos poder dizer que o debate continua hoje um tanto tímido - se situa para além dos muros de uma escola: são os motivos de ordem econômica, política e cultural. Ao convergir para esses fatores, repetitivo e necessário lugar-comum de toda análise que envolve problemas humanos, precisamos explicitá-los. Ao citar o fator de ordem econômica lembramos que o desenvolvimento industrial, em nome de eficácia e do desempenho do trabalhador, padronizou as respostas - o conteúdo da ação - visando facilitar o máximo de produção sem atrito e sem crise. É evidente que a sociedade industrial não eliminou a crise, até pelo contrário, aprofundou-a. O que ela fez foi simplesmente domá-la pelos inúmeros para-raios de tensão que construiu para manter de "modo comportado" o trabalhador na fábrica e, nos escritórios, os "colarinhos brancos"*. Chamamos para-raios de tensão a indústria paralela de lazer e de ilusão que mantém o trabalhador na esperança de sair de sua humilhada situação de homem-servo da máquina e das salas estreitas dos escritórios. As loterias e os esportes institucio

* - Expressão criada por C.Wright Mills.

nalizados, a propaganda mentirosa constituem estes pára-raios de de tensão individual e social. A escola de certo modo também desempenha este papel de pára-raio de tensão na medida em que o conteúdo que nela se ensina não revela ao trabalhador a contradição em que ele se encontra - a de um homem domado pela ilusão e pela miséria. A escola não é o local onde ele vai para "limpar" essa ilusão e superar sua miséria, mas quase sempre constitui, para a média geral dos trabalhadores na sociedade industrial, o local onde ele vai para submeter-se e compor o exército de retaguarda que amanhã irá servir em fábricas e escritórios. E uma vez instalado em seu trabalho, este vai se tornando tão direcionado e miúdo, que o pouco conteúdo que ele aprendeu na escola é esvaziado pela dispensa de seu cérebro e pelo processo de alienação em que é submetido. Harry Braverman aponta uma contradição a este respeito:

"Quanto mais lia na bibliografia formal e na comum sobre ocupações, mais me tornava cõnscio de uma contradição que assinala muito dos escritos atuais nesta área. Por um lado, dá-se ênfase a que o trabalho moderno, como consequência da revolução científico-tecnológica e da "automação", exige níveis cada vez mais elevados de instrução, adestramento, emprego maior da inteligência e do esforço mental em geral. Ao mesmo tempo, uma crescente insatisfação com as condições do trabalho industrial e de escritório parece contradizer essa opinião. Isso também é dito - não raro inclusive pelos mesmos que antigamente sustentavam a primeira opinião - que o trabalho tornou-se cada vez mais subdividido em operações mínimas, incapazes de

suscitar o interesse ou empenhar as capacidades de pessoas que possuam níveis normais de instrução; que essas operações mínimas exigem cada vez menos instrução e adestramento; e que a moderna tendência do trabalho, por sua dispensa de "cérebro" e pela "burocratização" está "alienando" setores cada vez mais amplos da população trabalhadora." (1)

A idéia de que o trabalho moderno exige níveis cada vez mais elevados de instrução não é anulada pela contradição apontada por Braverman. Na realidade essa exigência continua, mas o que acontece é que se trata de uma exigência "imposta" a um pequeno segmento da sociedade industrial, àqueles que se associam e se beneficiam do próprio poder dos meios de produção e necessitam de um conhecimento maior para não perder esse poder. A maioria dos trabalhadores "se iludem" com essa idéia de maior conhecimento na medida em que a escola e os meios de divulgação apenas desempenham o papel de megafones do paraíso da sociedade industrial - sem jamais poder criar as condições de acesso a esse conhecimento. No Brasil, a implantação do chamado ensino profissionalizante "compulsório", acenou com essa perspectiva, mas esbarrou com a dura realidade de um parque industrial monopolista, constituindo apenas alguns bolsões de desenvolvimento industrial, e por ser monopolista e por ser concentrado, fazem do conhecimento também um monopólio concentrado no "cérebro" de algumas minorias. A maioria deve se contentar com um aceno, com a ilusão de um dia poder ter também esse conhecimento.

(1) - Harry Braverman, Trabalho e capital monopolista, obra cit., p. 15/16.

Por conseguinte, a despeito da grande proclamação que se possa fazer da importância da educação para todos, esta fica apenas no plano da proclamação porque é sua função mostrar a todo mundo que os detentores do poder estão sempre muito interessados em fazer educação. Evidentemente a educação que lhes interessa, uma educação não crítica, um conteúdo estandarizado, onde a moda é falar de objetivos comportamentais e não de homens que possam se posicionar livre e criadoramente face a seus problemas e necessidades. Quando dissemos que a escola de certo modo desempenha o papel de pára-raio de tensão na medida em que mantém o trabalhador na ilusória esperança de um dia ser também co-participante dos "tesouros" da sociedade industrial, procuramos evitar fazer dela um simples "aparelho ideológico" da classe dominante, - expressão criada por Louis Althusser (2). Não podemos negar que em qualquer formação social, quer capitalista ou socialista a escola está aí como instrumento que "proclama" os valores dos donos do poder. Mas a sociedade, não importa que sigla lhe possa dar, é uma organização bastante complexa onde muitos grupos sociais degladiam seus interesses, manifestam suas crises, tramam seus projetos de vida. Por não constituir uma região neutra da sociedade, a escola tende não só a refletir as idéias daqueles que exercem sobre ela um controle global ^{ATRAVÉS} do Estado, mas também onde minorias "tramam" e instauram uma variável de crítica e superação desta escola. É certo que não podemos falar de uma sociedade complexa em tese.

(2) - Vide Louis Althusser, "Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado", obra cit., em especial o Cap. "Sobre a reprodução das relações de produção", p. 53.

A sociedade que conhecemos é uma sociedade capitalista, onde o trabalho humano se transformou numa simples mercadoria e como mercadoria ele existe para satisfazer os interesses e necessidades de quem o comprou - o capitalista. Mas o que queremos insistir é que aquele que aprende a ler as "coisas do patrão" da sociedade capitalista não significa que vai sempre ler seus catecismos e valores, mas catecismos e valores que podem se opor a ele. O fato é que o conteúdo não constitui tema para discussão, mas "mercadoria" já pronta para ser vendida.

O fator de ordem política não constitui um domínio à parte do fator de ordem econômica. Articula-se com ele, é o seu discurso. A palavra-chave para explicar como a ação política se opera é ideologia. É preciso fazer passar para a maioria dos trabalhadores as verdades de seus tutores e patrões, verdades de um mundo acabado e sem problemas porque eles vivem, diferentemente da situação dos trabalhadores, num mundo acabado, não carente. A ação político-ideológica divide o mundo, estatui pelos seus códigos uma autonomia para as idéias e transforma-as em instrumento de dominação. A prática desse discurso político-ideológico é muito bem servida pelas escolas na medida em que o conteúdo pedagógico que nela se ensina apresenta-a como tábua de salvação para todos os males sociais, a via redentora do trabalhador, onde todos os sacrifícios valem à pena. A função das idéias que nela se veiculam pelo processo de permanente inculcação político-ideológica é fazer passar, portanto, a escola como a via que isoladamente pode resolver todos os problemas sociais. O filho do trabalhador que não conseguir compreender o conteúdo de seus livros didáticos será sempre por motivo de ordem hereditária e por uma estranha rebeldia não compreensível para seus pedagogos. Esse aluno merece o repúdio da comunidade escolar ,

vai ser marginalizado como vítima de si mesmo, não soube aproveitar da única oportunidade para a sua única vida. A escola profetiza, com o conteúdo de seus livros didáticos, o marginal de amanhã no herói de ontem. A prática político-ideológica silencia -- nas escolas os conflitos gerados pela situação de ordem econômica em que se encontra o trabalhador e faz passar sem questionamento o lugar que ele vai ocupar na divisão social do trabalho. "Sem crise" e sem questionamento do conteúdo que se ensina, a escola vai exercendo a sua função de camuflagem dos conflitos sociais. A formação ideológica predomina sobre a formação de um homem crítico, livre, capaz de atuar sobre este mundo de modo criador. Porque é muito difícil pressupor (e até ingênuo o seria) - que um projeto educativo proposto pela escola, como por exemplo' a qualificação para o trabalho, viesse a vingar quando a força de trabalho, nas condições atuais, converteu-se numa ⁺mãrcadoria "O modo capitalista da produção destrói sistematicamente todas' as perícias à sua volta, e dá nascimento a qualificações e ocupações que correspondem às suas necessidades. As capacidades técnicas são daí por diante distribuídas com base estritamente' na "qualificação". A distribuição generalizada do conhecimento' do processo produtivo entre todos os participantes torna-se desse modo em diante, não meramente "desnecessário", mas uma barreira concreta ao funcionamento do modo capitalista de produção!"(3)

O motivo de ordem cultural, que também não se desvincula do fator de ordem econômica e política, antes pelo contrário, está estreitamente articulado com eles, tem constituído também uma forte razão para acreditarmos que os que operam os movimentos de cultura de uns tempos a essa parte silenciam sobre o conteúdo - que essa mesma cultura veicula. Um dos fenômenos mais evidentes' do mundo de hoje, quando se fala de cultura, é o da chamada -

de imaginar, não nasce de baixo: através das comunicações de massa, ele lhes é proposto sob forma de mensagens formuladas segundo o código da classe hegemônica. Estamos, assim, ante a singular situação de uma cultura de massa, em cujo âmbito um proletariado consome modelos culturais burgueses, mantendo-se dentro de uma expressão autônoma própria. Por seu lado, uma cultura burguesa - no sentido em que a cultura "superior" é ainda a cultura da sociedade burguesa dos últimos três séculos - identifica na cultura de massa uma "subcultura" que não lhe pertence, sem perceber que as matrizes da cultura de massa ainda são as da cultura "superior"(4). E na mesma trilha segue Theodor W. Adorno: "Na medida em que nesse processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. O termo mass media, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo. Não se trata nem das massas em primeiro lugar, nem das técnicas da comunicação como tais, mas do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz de seu senhor".(...)

(4) - Umberto Eco, Apocalípticos e Integrados, obra cit.p.24

" As mercadorias culturais da indústria se orientam (...), segundo o princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda praxis da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais."(5)

O conteúdo cultural, portanto, não importa porque o seu receptor - as massas - não faz perguntas. Dominada e explorada por uma "cultura superior", a das elites econômicas, segue a sua trajetória de simples consumidores dessa cultura de empréstimo sem a qual não será possível seus dominadores e exploradores utilizar as forças produtivas que emergem das massas. Quando se fala de elite econômica surge também o seu correlato que é a chamada elite cultural. E nessa expressão o próprio termo elite é ambíguo na medida em que, nas circunstâncias descritas acima em que as massas emergem para a vida associada, "elite significaria precisamente elitismo e segregação, mas, ao mesmo tempo, afirmação de um padrão cultural único e tido como o melhor para todos os membros da sociedade. Salta aos olhos, então, o caráter paradoxal do autoritarismo das elites, visto que a idéia de padrão cultural único e melhor implica, por um lado, a imposição da mesma cultura para todos e, por outro lado, simultaneamente, a interdição do acesso a essa cultura "melhor" por parte de pelo menos uma das classes da sociedade.

(5)- Theodor W. Adorno, in Comunicação e Indústria Cultural, obra cit., p. 288.

Assim, negando o direito à existência para a cultura do povo (como cultura "menor", "atrasada" ou "tradicional") e negando o direito à fruição da cultura "melhor" aos membros do povo, as elites surgem como autoritárias por "essência". (6)

Essa exaustiva descrição da chamada "indústria cultural" revela de um lado que a própria expressão traz mais problemas que certezas e de outro lado que a cultura algo tão complexo, não é levada muito a sério. A escola ocupa um lugar muito importante nessa sociedade uma vez que os conteúdos culturais veiculados por ela não ajudam o homem (ao homem das massas) a organizar o seu mundo a partir de seu próprio centro e a encontrar um significado para a sua própria ação. Predomina sempre um conteúdo padronizado com respostas marcadas e onde a criatividade não tem vez.

O conteúdo - o conteúdo pedagógico trabalhado pelos professores nas escolas - volta a ser questionado de modo mais agudo na medida em que análise nesses três fatores - o de ordem econômica, política e cultural - tendem a desmistificar o papel da escola e a situar de modo mais crítico a função do professor como agenciador da cultura. Uma certa sociologia econômica invade a escola e ameaça desocultar a mistificação pedagógica que ela opera e incomodar o profissional que nela trabalha. E portanto o que "inibiu" o debate do conteúdo durante tanto tempo é o que certamente está provocando seu retorno.

Ao propor um trabalho sobre o ensino de literatura na escola pública - em especial na escola paulista - e ao tentar verificar se esse ensino não constitui um fator de fragmentação da prática cultural, não buscamos privilegiar o conteúdo, mas trazer à

(6)- Marilena Chauí, Cultura e Democracia, obra cit., p. 40.

discussão a questão da linguagem literária dentro deste contexto e contribuir para tornar mais claro o papel do educador na sua ação de agenciador de cultura. Se ele não pode sozinho responsabilizar-se pela fragmentação da cultura, exige-se dele, no entanto, a consciência lúcida, a postura crítica que o impeça ser um contador de belas mentiras e lhe possibilite ser um explicitador das contradições sociais.

Uma incursão "institucional pedagógica" - naquilo que ocorre dentro da escola, suas teorias e práticas - é necessário. E nessa incursão, à guisa de diagnósticos, verificamos que também na escola se procura contestar tudo. Da violência urbana à violência e caça aos símbolos a distância é quase nada (dizemos contestação e não dúvida porque esta é pelo menos salutar por trazer implícita a idéia de crítica). Contesta-se a existência de um código ético universal, a história que trazem os livros, o valor de língua-padrão, a tradição; contestam-se as regras de gramática, a sintaxe... a própria lógica.

Argumenta-se que ninguém ensina ninguém e que somente o aluno é que tem que decidir sobre o que aprender, e que por isso o ensino é uma ilusão. Que nossos erros se originam de um pensamento viciado, comprometido e condicionado a fatores sócio econômicos que mal percebemos. E ainda: que nossas emoções estão partidas, fragmentadas.

Comenta-se que a escola não passa de um instrumento opressor manipulado pela classe dominante e que esta não tem nenhum interesse em promover a educação.

Diante desse quadro só nos resta voltar-nos sobre nossos próprios passos e desocultar os caminhos pelos quais nos enveredamos, desvelando os motivos que, conscientemente ou não, nos levaram a percorrê-los.

Se tentássemos percorrer, mesmo que timidamente, os tortuosos caminhos que nos levam da fala à ação, ou daquilo que fazemos, aquilo que expressamos como fundamento de nossa ação, talvez pudéssemos tornar nossa atuação mais coerente. Coerente com que? Coerente com nossa consciência de educadores, com o nosso papel e, como tal, comprometidos com a formação do homem e a condição humana. Há algo além das teorias simplificadoras que, misteriosamente, permitem a eclosão da cultura.

A afirmação de que a ação educativa deveria centrar-se no educando e não no conteúdo programático constitui uma das principais contribuições do movimento renovador da chamada escola nova. A escola tradicional mantinha os alunos numa atitude passiva de recepção ("educação bancária", diria Paulo Freire), uma vez que a matéria ensinada, e não o aluno, parecia constituir o ponto central de referência da educação. A tarefa de transmitir o patrimônio cultural do Ocidente, uma das funções da escola, era zelosamente cumprida. Daí o educador centralizar a sua ação na transmissão de conteúdos que constituíam o "programa" a ser cumprido. O movimento renovador da escola nova (também chamada de escola ativa ou escola livre) considera o educando não como um ser passivo, receptor, baseado na idéia de que toda a aprendizagem exige "atividade", participação ativa do sujeito. A idéia de atividade supunha, essencialmente, atividade mental, psicológica, entendida a aprendizagem como um processo ativo de incorporação de novas experiências aos esquemas mentais anteriores do sujeito. Assim, para que a aprendizagem se realize, o que importa realmente é a experiência pessoal (entendida como percepção e estabelecimento de relações) de tal forma que a informação só terá valor se o educando incorporá-la através de um processo ativo de "assimilação" que supõe trabalhar a informação.

Trabalho essencialmente mental, de onde a atividade física nos laboratórios, nas "experiências", nas "pesquisas" é mero rec^o curso. A idéia de que não o conteúdo da aprendizagem, mas o processo da aprendizagem e, portanto, o educando, deveria ser o centro da aprendizagem, encontra assim fundamentação numa teoria da aprendizagem, que está presente nesse movimento da escola nova, por isso também chamada de escola ativa.

"Sob a influência da Psicologia moderna e dos princípios do Pragmatismo, a Pedagogia transformou-se em uma ciência do ensino em geral a ponto de se emancipar inteiramente da matéria efetiva a ser ensinada.

Um professor, pensava-se, é um homem que pode simplesmente ensinar qualquer coisa; sua formação é no ensino, e não no domínio de qualquer assunto particular."(7)

A simplificação contudo de uma teoria de aprendizagem na frase "aprender fazendo" acabou levando à confusão de "atividade" como mera atividade física, onde o movimento dos alunos na sala de aula, o ruído e a desordem têm levado muitos professores a, ingenuamente, se desculparem de um ambiente de classe que não oferece as condições mínimas para que a aprendizagem se processe. Tornou-se, pois, imprescindível recuperar a idéia original de que o educando e o conteúdo de aprendizagem devem ser única e a mesma coisa. Devem ser o centro da aprendizagem. A perda daquele sentido original levou a escola a menosprezar os conteúdos da aprendizagem, esquecendo-se de que o processo da aprendizagem é inseparável de um conteúdo e pressupõe um conteúdo. A própria educação só é viável porque pressupõe um passado.

(7) -Hannah Arendt, Entre o Passado e o Futuro, p.231

"... sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sêmpiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem."(8)

O homem nascido neste século e "imunizado" da história levaria - séculos, talvez, para reinventar a linguagem articulada. É possível que, sem transmitirmos o patrimônio do passado, o homem sem história permanecesse no nível "grunhido". E qual seria, então, a função da educação? Pressupomos que a criança que começa a falar fosse criativa e não imitativa, o certo é que talvez não emergisse do nível do grunhido.-

Esse foi o caminho pelo qual enveredaram alguns equivocados defensores da "criatividade". Criatividade não se desenvolve no vácuo. O ser criativo é o ser que diverge, diz não. Mas ninguém diverge ou diz não simplesmente, sem do que divergir ou dizer não, sem enfim pontos de referência. Diverge-se de algo: um modelo, uma opinião, uma idéia. Assim a seleção de conteúdos de aprendizagem é fundamental na elaboração do plano de ensino. A escolha dos conteúdos, cuidadosamente tratados, poderá contribuir significativamente para que o educando adquira certas atitudes e hábitos de pensamento e estudo, que lhe garantirão maior liberdade e autonomia de ação. Ninguém aprende a apreciar Shakespeare e Carlos Drummond Andrade lendo revistinhas em quadrinhos. Ninguém aprenderá a discutir o sentido da Guerra de Canudos sem estudar a vida e a organização social do Brasil semi-colônia do Império.

(8) - Annah Arendt, ob. cit. p. 31

Ninguém participará inconscientemente de uma guerra se não -
souber discernir o sentido dessa guerra por referência ao pas-
sado. ninguém conseguirá captar, interpretar e recriar a sua'
realidade, se tiver como acesso a essa realidade apenas as cin-
tilantes imagens coloridas do seu aparelho de TV.

A questão dos conteúdos da aprendizagem, portanto, exige
uma reformulação. Não se trata de saber se o conteúdo programáti-
co é meio ou fim em si mesmo ou de deslocar a atenção do educa-
dor do conteúdo programático para o educando ou vice-versa. O
fato é que a aprendizagem requer conteúdo, supõe um passado e
exige um conjunto de informações a serem transmitidos, sem o
que a própria idéia de criatividade e mesmo de liberdade, tão'
exploradas pela escola moderna, nem sequer se colocariam.
O fundamental é que no processo de "transmissão" de um determi-
nado conteúdo programático, qualquer que ele seja, o professor
organize a aprendizagem (e, portanto, o plano de ensino) de
forma a garantir que a expressão do pensamento e da emoção (en-
quanto experiências aprendidas pelo jovem), não sejam caóticas,
mas representam uma contínua tentativa de compreender e signifi-
car o real (enquanto experiência vivida). Ora, como pensar um
pensamento ou uma emoção sem veiculá-los a alguma forma de -
expressão?

A grande retórica sobre o que deve predominar se o método
de ensino ou o conteúdo perde a sua força na medida em que se -
percebe que ambos são dimensões de uma mesma realidade educati-
va. As discussões em torno desse tema certamente não consegui-
ram superar as análises "institucionais pedagógicas" e o máximo
que puderam revelar foram as grandes vicissitudes e incertezas'
de uma real prática de liberdade, isto é, de uma filosofia nor-
mativa e criadora que possibilitasse embasar tanto o conteúdo
da aprendizagem como o método.

*ALGUNS CONCEITOS : LITERATURA, ESCOLA, CULTURA E
IDEOLOGIA*

LITERATURA, ESCOLA, CULTURA E IDEOLOGIA

Antes de um projeto mais ousado de tentar cercar o objeto central de nossa aventura, cabe uma tarefa não menos ousada que é o de descrever a maneira como percebemos os diversos conceitos acima colocados e que fazem parte do seu núcleo. Não se trata de jogá-los num mesmo baú e ao final tirar um repertório de normas capaz de nos ajudar e evitar de nos perder. Não se trata ainda de fazer erudição sobre o óbvio, sabedores que somos de que o óbvio é a última coisa a ser percebida. A primeira impressão que se tem ao descrever sobre conceitos tão amplos é que a compreensão deles envolve tarefa coletiva e o máximo que individualmente podemos fazer é acrescentar a nossa própria perplexidade e provocar alguns desvios de interpretação. Mas colocando-os num baú, fazendo erudição ou provocando desvios, o fato é que a necessidade de uma descrição sobre esses conceitos emerge da mesma necessidade que sente o trabalhador braçal diante de seus instrumentos de trabalho: como enfrentar melhor a tarefa e manipular melhor seu próprio instrumento. Por sua vez sabemos que não existem teorias inteiramente satisfatórias sobre todos esses conceitos. A compreensão deles só pode emergir de um processo de intercâmbio e de análise concretas.

Mas vejamos como percebemos literatura no contexto cultura, ideologia, escola, visando estabelecer algumas proposições básicas que irão circunscrever melhor o nosso campo de reflexão e análise possíveis.

A. - LITERATURA

"A efêmera grandeza da palavra e do ato pode durar sobre o mundo na medida em que se lhe confere beleza. Sem a beleza, isto é, a radiante glória na qual a imortalidade potencial é manifestada no mundo humano, toda vida humana seria fútil e nenhuma grandeza poderia perdurar". Hannah Arendt

O que é literatura? Pensamos que uma primeira resposta sensata é renunciar, de pronto, a qualquer tentativa de conceituação e buscar certas "vias de acesso" não comuns visando perceber melhor as vias comuns. Por que não há nada mais vulnerável do que um "rico" conceito de literatura, sobretudo, porque ainda não há arte (por ser, diferente das demais, objeto e representação de si mesma) mais pretensiosa do que a literatura.

Talvez pudéssemos começar por dizer que desconfiamos de toda e qualquer tentativa de fazer da literatura o templo do saber da arte, ou como a chamam alguns, "a divina arte entre as artes". A literatura ou certa literatura é uma arte, também a música é uma certa música é uma arte, também a pintura ou certa pintura é uma arte, também a escultura ou certa escultura é uma arte, e etc e etc. Ninguém confirma a si mesmo ao ouvir uma tocata e fuga de Sebastian Bach que a literatura é a divina arte das artes, apenas que Sebastian Bach desenhou, sem fronteiras, um momento imensuravelmente rico da espécie humana. O Cipreste de o Velhinho Chorando de Vicent Van Gogh não nos lembram que certa literatura é a divina arte das artes, mas Van Gogh também, sem fronteiras, conseguiu retratar a emoção humana em traços, luzes e sombras.

Quem é que não poderia afirmar que Van Gogh fez da pintura " a arte divina das artes"? Toda arte reivindica para si um certo ' privilégio, todo artista alimenta o secreto desejo de representar em cores, sons, formas ou signos a linguagem mais alta, a aventura mais extrema da emoção e sentimento humanos. E isto é natural e compreensível, mas nenhum fundamento lógico, científico ou cultural nos autoriza a privilegiar uma das artes e torná-la matriz e fonte inspiradora de todas as outras.

Talvez a literatura contivesse dois componentes culturais! que justificariam o modo muito comum, mas sem fundamento, de ' seu próprio privilégio no universo das artes. O primeiro, com certeza, está ligado ao fato de que por ser considerada a literatura a arte da palavra, esta é um instrumento de comunicação' que atinge o maior número de pessoas possível. Todo mundo fala de certa forma, e a maioria, em determinadas condições de cultura, escreve e lê. Embora a maioria possa usufruir-se da música, poucos a fazem e a entendem. A consequência, portanto, do vasto campo abrangente da literatura é a reivindicação de seu privilégio.

Um segundo componente talvez estivesse ligado a uma questão de ordem ideológica e que seria explicado da seguinte maneira: todos sabemos que a sociedade é estruturalmente desigual. De talhar como esta estrutura se arranja não vem ao caso. Apenas ' vale ressaltar que dois grupos lutam para reivindicar o poder, dois grupos que alguém chamou de duas classes fundamentais, ou seja, aquela que trabalha e a outra que controla os mecanismos' de produção, uma que vende sua força de trabalho e a outra que se beneficia dessa força de trabalho. Esta porque se beneficia' dessa força de trabalho acaba por ter o poder de decidir sobre' ela.

Resultado dessa divisão : aqueles que controlam os mecanismos ^{DE PRODUÇÃO} material da sociedade são também aqueles que acabam por controlar a seu serviço os mecanismos da produção espiritual da sociedade, dentre esses mecanismos surge a palavra escrita, a literatura. A história da palavra escrita - da literatura - , por mais paradoxal que isto possa ser, é a história da palavra escrita do poder. Isto não significa que aqueles que nada têm a ver com o poder deixe de ter acesso à palavra escrita, - torne-se num escritor e possa de certa forma influenciar o poder político de decisão. Mas isto ocorre de um modo geral e desde que esta influência não afete os grandes interesses implícitos desse poder. Quando isso ocorre, uma intervenção veladamente matreira é posta em cena: a literatura é divinizada, torna-se mistério, algo inatingível como arte para todos e esvazia-se de seu conteúdo como forma crítica capaz de desenvolver as contradições da sociedade e o poder que dela se beneficia. É o chamado processo invertido de queda para o alto ou de prisão no infinito. Divinizar a literatura é colocá-la no Olimpo de não-sei-o-quê e torná-la numa força contestadora a menos a serviço dos humilhados e ofendidos - objeto maior de sua aventura.-

Tudo isso, justamente por ser uma questão ideológica, - pode não ser assim tal-e-qual. Mas de certa forma ajuda a explicar a tendência nada sensata de reivindicar seu privilégio. Numa sociedade desigual em que poucos têm privilégio, - reivindicar o privilégio da literatura no universo da arte é neutralizar o próprio valor da literatura e torná-la privilégio para coisa nenhuma.-

Mas o que é a literatura afinal?

Arte "divina" não é. A suprema arte entre as artes também du-

Voltar, quem sabe, ao comum lugar de partida e anunciar ocasionalmente que a literatura é simplesmente a arte da palavra. Mas que condições esta arte da palavra ocorre e porque eu a chamo arte? Que elementos me induzem a dizer que estou diante de uma bela obra literária? Não sei. O jeito é voltar a um lugar comum que está mais atrás e anunciar que chamo de literatura aquilo que leio e de que gosto. E o que leio e de que gosto pode ser desde a melhor redação publicada em jornal acadêmico até VIDAS SECAS; desde que as quadrinhas improvisadas dos repen^{ME}tistas nordestinos até a ROSA DO POVO; desde a proclamação - planfletária do Manifesto Comunista e que ^{ME}tooca a uma página - hermética de ULISSES. Ao adotarmos, portanto, uma postura crítica de não querer conceituar literatura, acabamos contraditoriamente por adotar uma : a literatura é aquilo que leio e de que gosto. Pode não ser isso um bom conceito, mas a declaração de uma preferência. Para um trabalho voltado preferencialmente para a questão ideológica, não é comprometedor, indica apenas que a dificuldade de conceituação da literatura ressalta a sua riqueza como expressão de cultura humana. Se quiséssemos prosseguir arrolando lugares-comuns diríamos que a literatura é um exercício de liberdade e formação humana. Nossos legisladores da educação reconhecem o papel da literatura e do ensino da Língua Nacional como expressão de cultura ao colocá-las em destaque sobre todas as demais disciplinas. Esse reconhecimento envolve a idéia de que a literatura tem a "missão" de civilizar o homem na medida em que ela vai insinuando melhores formas de vida. O problema é que a literatura não só se nos oferece como um objeto de conhecimento ou como na prática pedagógica, - uma estratégia aberta para educar o homem: ela também se nos oferece como objeto de interrogação,

de dúvida, de pesquisa e de perplexidade. Por ser objeto de interrogação, a literatura levanta constantemente o seu próprio objeto de conhecimento. Que conhecimento de realidade ela evoca para si visando cumprir com a missão civilizadora de formar homens? Seria apenas por ela ser a arte da palavra - palavra de que todos nós nos servimos a todo o momento? Qual' é o conhecimento que a literatura tem da realidade? Ou ainda : qual é a realidade que a literatura conhece e nos evoca para - nossa miséria ou glória? Quando lemos uma obra de grande valor literário como Os Sertões de Euclides da Cunha, nos defrontamos com uma realidade que a obra de arte de certa forma traiu. Verificamos, por exemplo, que o sertanejo não é um forte, mas um fraco e uma vítima do permanente conflito de conquista da terra; que a civilização do litoral não triunfou sobre os humildados-iluminados-e-ofendidos do sertão, porque estes de uma forma ou de outra sobreviveram. Sentimos, isto sim, que estamos' diante de um conhecimento especial da realidade. Que esse não é o de mensurar exatamente os objetos que circunscreve, o mundo, mas o de opor o esboço de uma consciência que denuncia a morte a favor da vida. No exemplo acima, Euclides pode ter cometido' inúmeros equívocos sobre a realidade que viu, mas a sua obra - permanece como a denuncia de uma realidade que não morreu e - que nos desafia a conquistar com a nossa clarividência e humanidade.

Dizemos ainda que a literatura ao se nos oferecer como - uma forma especial de conhecimento da realidade, nos coloca, como prática pedagógica, um dilema cultural: o de conhecer a literatura como uma realidade autônoma, como objeto de fruição e entretenimento do homem ou ver a literatura apenas como mais um instrumento de acesso à realidade humana.

Não se trata de um dilema falso, mesmo porque a prática pedagógica tem demonstrado a opção ora por um ora por outro caminho. O primeiro configura-se o esteticismo, a literatura colocada - apenas como ~~o~~ reforço ao ensino da gramática, do bom-escrever; o segundo, configura-se a literatura como prática da propaganda' ideológica, como defesa de valores de determinado grupo social. A superação do dilema não está na escolha de um lado, mas perceber a literatura como uma forma de conhecimento que tem seus - instrumentos culturais próprios. A literatura não é um problema lógico que nos leva a distinguir o falso do verdadeiro. Não é um conhecimento científico a se opor a um conhecimento não - científico. Enfim, não levanta para ela a oposição do falso e do verdadeiro. A literatura se distingue de uma ciência qualquer por sua função social. Ela condiciona o nosso modo de pensar, de amar e de perceber o mundo. Por ela e nela se articulam idéias que nos podem conduzir à sabedoria ou à alienação; - veiculam-se ideologias que insinuam comufladamente à manutenção dos interesses de classe, por ela e nela se apreendem as forças que agem - frequentemente ocultas - na sociedade e que aceleram a sua mudança.-

A literatura é enfim descoberta, revelação do ser para o próprio ser que a executa e para os que a lêem. É instrumento - cognoscitivo, e , portanto, exercício de liberdade, ato gerador e criador, o que determina a tendência a reivindicar para si - seu privilégio e sua índole revolucionária. A questão que nos - intriga é que a literatura não é explorada por sua índole revolucionária, por sua força crítica. Há entre a prática pedagógica e a própria literatura um corte que se caracteriza pelo - alheamento ingênuo entre esta e o leitor-aluno. Os fatores que - condicionam esse alheamento são de ordem histórica e social.

É o que tentaremos mostrar mais adiante -

B. - Literatura e Cultura

Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. "Hannah Arendt

É preciso entender o significado da cultura em geral, do qual a literatura representa um caso particular sem deixar de ser um caso privilegiado.-

Uma questão de início logo se coloca: como trabalhar conceitos de cultura que não ocultem a própria cultura? Seguir certamente o trajeto mais simples é se ater àqueles conceitos' amplos que mostram que a cultura não é outra coisa senão a apreensão da realidade, uma apreensão não só individual, mas coletiva. A finalidade de ação cultural, e neste caso se inclui a própria finalidade da escola, foi o de compreender o mundo e de compreender a nossa situação dentro desse mundo, transmitindo essa compreensão a quem dela necessite para superar seus problemas. Falar da cultura de um modo geral é falar não de um curral privilegiado onde o homem se protege do mundo, mas falar da história dessa compreensão e apreensão da realidade, de uma história do mundo que uma vez modificado pela ação do homem acaba por modificar o próprio homem.-

Em um sentido estrito, cultura é o conjunto de coisas, - instituições, idéias e imagens usadas por uma sociedade determinada, seja porque as tenha inventado, seja porque as herdou, seja porque as adotou de outra cultura. Assim, uma cultura é antes de tudo um conjunto de coisas: arados, colheres, fuzis, - microfones, automóveis, barcos, canoas, campos de cultivo, bancos, jardins, livros, roupas, uma represa, o nome de uma montanha, etc.. Cultura é aquilo que o homem nomeia, por exemplo, - uma estrela. A Via Láctea é parte de nossa cultura. Não tem valor de uso como o petróleo, porém é um conhecimento, um saber' sobre o céu e uma imagem, isto é, um mito. Cultura, portanto, é um conjunto de coisas que tem nome: estado, igreja, família, escola, sindicato. Podemos afirmar que os homens se instituem - através de suas culturas, estados, nações, famílias, comunidades etc. Mario de Andrade já nos chamava a atenção para o fato de que o Brasil só se universalizará quando se abrasileirar. A universalidade de uma cultura está na razão inversa de sua - especificidade, da identidade, de um nome. Ao instituir-se, a sociedade se nomeia e desta forma se distingue de outras sociedades. Uma sociedade se chama França, outra Japão, uma se chama Brasil. Cada sociedade e seus membros ingressam no universo dos nomes, no mundo dos signos. A sociedade é uma linguagem e a cultura, sendo consequência de uma sociedade, está integrada dos significados desta linguagem. A cultura não é somente - material - coisas, instituições, estruturas sociais - mas é - também idéia, conceito. Estas idéias e conceitos geralmente surgem aos pares em todas as sociedades e são de ordem moral, política, religiosa, estética, econômica etc.. Em cada cultura - encontramos o bom e o mau, o proibido e o permitido, o profano e o sagrado.

Todas as sociedades têm um repertório de conhecimentos sobre a natureza, sobre aquilo que transcende o homem, a sociedade e o próprio conhecimento. Encontramos em cada sociedade, enfim, formas verbais e não-verbais, um mundo de imagens: essas imagens representam idéias, conceitos, crenças sociais. Os objetos são também imagens, a saber, fronteiras do imaginário. Uma casa branca ao sopé da montanha pode ser o palácio azul na cabeça de um poeta, um mendigo que fede pode se transformar numa fulgurante obra plástica na cabeça de um pintor, uma estrela pode converter-se no emblema de um clube de futebol. É possível certamente discernir em todas as culturas um nível funcional e um outro imaginário. As coisas e as instituições são funções e meios e através delas e com elas a sociedade realiza centenas de fins: alimentar-se, auto-regular-se, reproduzir-se, vestir-se, guerrear, comerciar. Ao mesmo tempo, a sociedade se imagina e ~~imagina~~ ^{imagina} outros mundos e desta forma se retrata, se recria, se refaz e se ultrapassa: fala consigo mesma e fala com o desconhecido. Assim podemos dizer que o imaginário social é uma das grandes forças provocadoras e reguladoras de mudança social. A sociedade é continuamente outra, faz-se outra diferente porque se imagina. A imaginação é a característica central da cultura. Todos os projetos da história humana estão impregnados da imaginação consubstanciada nos atos dos homens.

Enfim, a cultura é um conjunto dos objetos, instituições, conceitos, idéias, costumes, crenças, imagens de cada sociedade. Todos esses elementos estão em contínua comunicação: as idéias e os conceitos modificam as coisas e as instituições e estas uma vez modificada acabam por modificar também as idéias e os conceitos. Existe portanto, uma contínua inter-relação entre todos os elementos da cultura e que nos revela outra característica essencial: a cultura, todas as culturas, da mais

primitiva a mais contemporânea, são sistemas simbólicos. É -
justamente porque a sociedade produz incessantemente imagens -
que podem produzir símbolos de diferentes significados. Desta'
forma, o homem não somente se serve da linguagem, senão que é
também linguagem e - que é mais surpreendente - linguagem gera
dora de linguagem. A cultura é isso : é linguagem e produção -
de linguagem. E dentre as diversas linguagens da cultura, uma'
ocupa um lugar de fascinante interrogação para o homem ^{A LITERATURA} - a
arte imaginativa e bela de dizer as coisas, veículo que instau
ra e preserva a idéia e os sonhos da ordem humana. A literatu
ra não é uma resultante da cultura e nem esta daquela. Ambas -
formam uma unidade indestrutível, e o que destaca a literatura
no universo da cultura é que a literatura é a única dentre as
artes que é objeto e representação ao mesmo tempo de si mesma,
fornece à cultura uma história.-

Todo esse arrazoado, portanto, sobre como percebemos cul
tura, ressalta sempre a cultura como uma atividade humana e -
que por isso mesmo envolve a mudança do mundo. Na medida em -
que o homem muda o seu mundo e adapta-o às suas necessidades ,
ele se torna herdeiro dos objetos e símbolos que ele mesmo -
criou. Por isso cultura é percebida como uma atividade e como'
uma história. Por atividade entendemos as relações de produção
que configuram o núcleo da vida social, as divisões de traba
lho - a intrincada rede de influência e poder - um poder sobre
coisas e, o que é pior, um poder sobre o próprio homem. Cultu
ra é história porque o seu produto pressupõe herança e posse e,
mais do que isso, significa luta incessante de compreensão e -
transformação da realidade. Todo esforço, portanto, no sentido -
de desvendar o fenômeno cultura não deve se ater apenas na des
crição de um tribunal superior de cultura ^{QUE} - uma vez compreendido'

balizaria a nossa ação presente. O ato do desvelamento passa necessariamente pela análise das relações de produção, definindo a concepção que a sociedade possui dessas relações em todos os níveis de vida comum. Arte, cultura, literatura, não possuem uma história autônoma e que permaneçam dentro de uma experiência possível. Não há uma dialética interior exclusiva para cada uma delas. O curso da produção social no seu conjunto é que determina a história de uma literatura, de uma cultura, de uma arte - enfim, e só assim é que se pode compreender o desenvolvimento e as transformações que ocorreram em cada campo particularmente considerado. A divisão social do trabalho é que gera a sensação de autonomia da cultura ou da literatura, possibilitando o aparecimento de um considerável número de especialistas produtores também de um considerável número de teorias "explicativas" de cada campo. Essa sensação inútil de autonomia do saber culto, do saber literário, agravou-se com o surgimento de um fenômeno novo, a da burocracia e que leva o homem a relacionar-se com a vida, com seu corpo, com a natureza e com os demais seres humanos através de mil pequenos modelos científicos nos quais a dimensão propriamente humana da experiência desapareceu". (8)

- Georg Lukacs ao escrever sobre literatura considera que "a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura - são parte do processo histórico geral da sociedade." E ainda ressalta: "a essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por

(8) - M. Chauí, ob. cit., p. 12.

elas, constituem parte daquele processo social - geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência". (9)

Não há uma experiência estética inseparável de uma cultura. Ressaltamos que a cultura é um vasto sistema unido no qual todos os elementos se repercutem uns nos outros, se equilibram e desequilibram, se ligam num conjunto de combinações como também se rompem e subvertem para em seguida se combinar novamente.

"Só o homem", escreve Álvaro Vieira Pinto, "na sua atividade construtiva cria cultura, porque só ele, ao mesmo tempo em que opera sobre a natureza e obtém produtos do engenho, cria ~~no~~ pensamento idéias que representarão a realidade, a própria ação que pratica, e que por isso podem tornar-se guias e princípios para a organização dessa atividade. O poder de ideação, representado superiormente pela faculdade de imaginação, como poder de livre combinação das ideias e faculdade de concepção de projetos de ser, suplantando a esfera dos instintos, dota o homem de uma consciência que é a raiz de sua caracterização como animal culto." (10)

A impressão que constantemente nos assalta é que a literatura, e em especial a obra literária, se destaca da vida e se une a uma ordem particular - uma criação artificial da cultura.

(9) - Cit. de Georg Lukacs, Ensaíos sobre Literatura, obr. cit. p.15

(10) - Álvaro Vieira Pinto, Ciência e Existência, obr.cit.p.136

O fato é que da cultura emerge a literatura e uma cultura permanentemente se impõe como condição sine qua non para compreender a própria literatura.

Marx lembra que "somente através do desenvolvimento objetivo da riqueza da essência humana [da cultura], pode ser, primeiramente, em parte aperfeiçoada e em parte a riqueza da sensibilidade subjetiva humana . Isto é: um ouvido musical, um olho capaz de colher a beleza da forma; em suma, sentidos pela primeira vez capacitados para um desfrute humano, sentidos que se afirmam como faculdades essenciais do homem". (11)

C.-LITERATURA E IDEOLOGIA

Ressaltamos que o objetivo central desse trabalho não é somente uma análise crítica sobre a literatura, muito mais sobre o discurso que comumente se faz da literatura. Ao tentar descrever como percebemos a ideologia e seu "romance" com a literatura, estamos já tentando convergir para o núcleo do trabalho: que é o de desocultar a maneira como a ideologia se veicula no discurso da literatura. Sabemos que o papel da grande obra de arte - o seu impacto - é o de desocultar a ideologia da qual ela mesma se serviu. O que nos surpreende é que a chamada "prática pedagógica" literária nas escolas se ordena no sentido justamente de neutralizar esse impacto preservando a própria ideologia de sua rachadura.

(11) - Cit. de Georg Lukacs, obr. cit., p. 16

Escrevendo em especial sobre a ideologia, verificamos que estamos acostumados a crer que as idéias que temos em nossa cabeça são independentes da realidade que nos rodeia, isso tudo que está aí: a sociedade, o mundo, a história. E que portanto' as idéias que temos explicam e são responsáveis por tudo isso' que está aí, quando o certo é que tudo isso que está aí explica e torna possível e compreensível as idéias que temos. Esse corte, essa separação entre idéia e realidade, é o que chamamos de ideologia. As idéias ou representações tendem a escon - der dos homens o modo real como as relações sociais foram produzidas - o conflito de classe, a exploração econômica, o poder político, etc. É o papel da ideologia.

"A ideologia, tomada em sentido restrito, parece constituir o conjunto das representações que a classe dominante forma para fazer crer na legitimidade e na necessidade de sua dominação e esconder a si própria os fundamentos dessa dominação." (12)

Mas a ideologia não é algo separado do mundo, território sagrado onde as idéias adquirem o status de agente do processo histórico real.

A ideologia "é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão e falsidade) por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos "ensinam" a conhecer e a agir!"

(12) - Claude Lefort, As Formas da História, São Paulo Editora Brasiliense, 1979, pág. 271

E o mais importante:- " o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, - anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma' imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante." (13)

A ideologia pode ser vista, portanto, como um corpo de representações e de normas.

Constitui "o campo da ideologia no qual os sujeitos sociais e políticos explicam a origem da sociedade e do poder político; explicam as formas' de suas relações sociais, econômicas e políticas explicam as formas "correta" ou "verdadeiras" de conhecimento e de ação; justificam, através de idéias gerais (o Homem, ^{A PÁTRIA,} o Progresso, a Família, a Ciência, o Estado), as formas reais de desigualdade, dos conflitos, da exploração e da dominação como sendo, ao mesmo tempo, "naturais"(isto' é, universais e inevitáveis) e "justas" (ponto - de vista dos dominantes) ou "injustas"(ponto de vista dos dominados). (14)

(13) - Marilena Chauí, ob. cit., p. 3

(14) - Idem, p. 19.

Toda análise da ideologia hoje converge necessariamente para a questão da tecnoburocracia. Sem entrar no mérito do que seja a tecnoburocracia, a crença é de que esta sintetiza a própria ideologia. Tornou-se seu instrumento de ação, melhor dizendo, sua vestimenta, sua representação. Pela ideologia tecnoburocrática universaliza-se a crença de que "todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos". "Os conflitos, as contradições, os desarranjos são meros defeitos técnicos dos sistemas, são disfunções, que podem ser tecnicamente resolvidos." (15)

A ideologia tecnoburocrática incorpora como "textura espiritual" a concepção de racionalidade que lhe possibilita passar' como autoridade e legitimar o poder para os que realmente usufruem do próprio poder. Todo o universo humano hoje está impregnado pela idéia de organizar o mundo pelo desenvolvimento. Até aqui poderíamos supor que não seria um mal. aconteceu que o desenvolvimento econômico passou a ser o objetivo máximo e que traduz o sentido materialista desse mundo.

"Os objetivos econômicos são, na prática, colocados acima de todos os demais. É difícil para o homem comum e particularmente para o tecnoburocrata imaginar que possa haver outros valores, eventualmente maiores, a serem atingidos, como a liberdade, o amor, a beleza, a verdade, a justiça, a realização pessoal." (16)

Para que este vasto sistema se legitime - a ideologia tecnoburocrática - e ao mesmo tempo legitime o poder para aqueles' que detêm, o consumismo tornou-se sua filosofia básica sua sanção moral, porque "reduzindo-se todas as aspirações humanas ao

(15) - Luiz C.B. Pereira - A Sociedade Estatal e a Tecnoburocracia, ob. cit., p. 101

consumo, torna-se mais fácil aplicar o postulado básico da ideologia tecnoburocrática de que todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos." (17).

Marilena de Souza Chauí amplia e aprofunda o mesmo tema quando escreve que:

"com o fenômeno da burocratização e da organização, a ideologia deixou de ser discurso legislador, ético e pedagógico fundado na transcendência das idéias e dos valores, para converter-se em discurso anônimo e impessoal, fundado na pura racionalidade de fatos racionais. Não deixou de ser legislador, ético e pedagógico, mas deixou de fundar-se em essências e valores, como deixou de ser proferido do alto para fundar-se no racional inscrito no mundo e proferir-se ocultando o lugar de onde é pronunciado. Ganhou nova cara: tornou-se discurso neutro da cientificidade ou do conhecimento." (18)

"A invasão dos mercados letrados por uma avalanche de discursos de popularização do conhecimento", ainda afirma Marilena Chauí.

"não é signo de uma cultura enlouquecida que perdeu os bons rumos do bom saber: é apenas uma das manifestações de um procedimento ideológico pelo qual a ilusão coletiva de conhecer apenas confirma o poderio daqueles a quem a burocracia e a organização de terminam previamente como autorizados a saber." (19)

(17) - M. Chauí - Cultura e Democracia, ob.cit., p.103

(18) - Idem, p. 10/11

(19) - Idem, p.13

E como entra a literatura em toda essa "história" da ideologia? Vimos que a ideologia não constitui um mundo à parte, mas um modo pelo qual necessariamente o homem representa para si mesmo a realidade e acaba por ocultá-la em função de seus interesses de classe. As práticas ideológicas impregnaram o universo humano e são acessíveis objetivamente na palavra, nos signos. A literatura por sua vez não é uma ilha para além da ideologia, ela está situada no quadro da vida social e é uma das formas de representação da própria ideologia. Não nos esqueçamos obviamente que a literatura é um vasto universo de signos e palavras - palavras e signos cuja natureza é sempre ideológico-histórico-social e que tem seu próprio modo de expressar a realidade. A trajetória para compreender a realidade dos fenômenos ideológicos é a mesma trajetória para compreender a realidade objetiva dos signos sociais. Podemos afirmar que a matriz-suporte de toda a ideologia é a linguagem - uma realidade-significa materialmente perceptível. Não há textos literários por oposição ao real, mas textos emergem do real e vão reforçar a realidade-significa da própria ideologia. A peculiaridade da literatura é nos fazer sentir o real. Esse "fazer sentir" o real pode nos conduzir a dois caminhos: um que nos desvencilha da ideologia, o outro que nos compromete mais com ela. No primeiro caso estamos diante da "grande arte" que não se reduz ao sistema ideológico que contém e explicita com beleza as contradições que a ideologia procura ocultar. Lembramos, como exemplo, Os Sertões de Euclides da Cunha. Nesse livro fica claro que o autor está comprometido com a ideologia do colonialismo, que fazia passar a idéia de que pela "evolução das espécies", o sertanejo seria fatalmente derrotado e destruído. Assim o leitor passa a "compreender" e a aceitar a invasão dos "civi

B. - Literatura e Cultura

Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. "Hannah Arendt

É preciso entender o significado da cultura em geral, do qual a literatura representa um caso particular sem deixar de ser um caso privilegiado.-

Uma questão de início logo se coloca: como trabalhar conceitos de cultura que não ocultem a própria cultura? Seguir certamente o trajeto mais simples é se ater àqueles conceitos' amplos que mostram que a cultura não é outra coisa senão a apreensão da realidade, uma apreensão não só individual, mas coletiva. A finalidade de ação cultural, e neste caso se inclui a própria finalidade da escola, foi o de compreender o mundo e de compreender a nossa situação dentro desse mundo, transmitindo essa compreensão a quem dela necessite para superar seus problemas. Falar da cultura de um modo geral é falar não de um curral privilegiado onde o homem se protege do mundo, mas falar da história dessa compreensão e apreensão da realidade, de uma história do mundo que uma vez modificado pela ação do homem acaba por modificar o próprio homem.-

Em um sentido estrito, cultura é o conjunto de coisas, - instituições, idéias e imagens usadas por uma sociedade determinada, seja porque as tenha inventado, seja porque as herdou, seja porque as adotou de outra cultura. Assim, uma cultura é antes de tudo um conjunto de coisas: arados, colheres, fuzis, - microfones, automóveis, barcos, canoas, campos de cultivo, bancos, jardins, livros, roupas, uma represa, o nome de uma montanha, etc.. Cultura é aquilo que o homem nomeia, por exemplo, - uma estrela. A Via Láctea é parte de nossa cultura. Não tem valor de uso como o petróleo, porém é um conhecimento, um saber' sobre o céu e uma imagem, isto é, um mito. Cultura, portanto, é um conjunto de coisas que tem nome: estado, igreja, família, escola, sindicato. Podemos afirmar que os homens se instituem - através de suas culturas, estados, nações, famílias, comunidades etc. Mario de Andrade já nos chamava a atenção para o fato de que o Brasil só se universalizará quando se abrasileirar. A universalidade de uma cultura está na razão inversa de sua - especificidade, da identidade, de um nome. Ao instituir-se, a sociedade se nomeia e desta forma se distingue de outras sociedades. Uma sociedade se chama França, outra Japão, uma se chama Brasil. Cada sociedade e seus membros ingressam no universo dos nomes, no mundo dos signos. A sociedade é uma linguagem e a cultura, sendo consequência de uma sociedade, está integrada dos significados desta linguagem. A cultura não é somente - material - coisas, instituições, estruturas sociais - mas é - também idéia, conceito. Estas idéias e conceitos geralmente surgem aos pares em todas as sociedades e são de ordem moral, política, religiosa, estética, econômica etc.. Em cada cultura - encontramos o bom e o mau, o proibido e o permitido, o profano e o sagrado.

Todas as sociedades têm um repertório de conhecimentos sobre a natureza, sobre aquilo que transcende o homem, a sociedade e o próprio conhecimento. Encontramos em cada sociedade, enfim, formas verbais e não-verbais, um mundo de imagens: essas imagens representam idéias, conceitos, crenças sociais. Os objetos são também imagens, a saber, fronteiras do imaginário. Uma casa branca ao sopé da montanha pode ser o palácio azul na cabeça de um poeta, um mendigo que fede pode se transformar numa fulgurante obra plástica na cabeça de um pintor, uma estrela pode converter-se no emblema de um clube de futebol. É possível certamente discernir em todas as culturas um nível funcional e um outro imaginário. As coisas e as instituições são funções e meios e através delas e com elas a sociedade realiza centenas de fins: alimentar-se, auto-regular-se, reproduzir-se, vestir-se, guerrear, comerciar. Ao mesmo tempo, a sociedade se imagina e ~~imagina~~ ^{imagina} outros mundos e desta forma se retrata, se recria, se refaz e se ultrapassa: fala consigo mesma e fala com o desconhecido. Assim podemos dizer que o imaginário social é uma das grandes forças provocadoras e reguladoras de mudança social. A sociedade é continuamente outra, faz-se outra diferente porque se imagina. A imaginação é a característica central da cultura. Todos os projetos da história humana estão impregnados da imaginação consubstanciada nos atos dos homens.

Enfim, a cultura é um conjunto dos objetos, instituições, conceitos, idéias, costumes, crenças, imagens de cada sociedade. Todos esses elementos estão em contínua comunicação: as idéias e os conceitos modificam as coisas e as instituições e estas uma vez modificada acabam por modificar também as idéias e os conceitos. Existe portanto, uma contínua inter-relação entre todos os elementos da cultura e que nos revela outra característica essencial: a cultura, todas as culturas, da mais

primitiva a mais contemporânea, são sistemas simbólicos. É -
justamente porque a sociedade produz incessantemente imagens -
que podem produzir símbolos de diferentes significados. Desta'
forma, o homem não somente se serve da linguagem, senão que é
também linguagem e - que é mais surpreendente - linguagem gera
dora de linguagem. A cultura é isso : é linguagem e produção -
de linguagem. E dentre as diversas linguagens da cultura, uma'
ocupa um lugar de fascinante interrogação para o homem ^{A LITERATURA} - a
arte imaginativa e bela de dizer as coisas, veículo que instau
ra e preserva a idéia e os sonhos da ordem humana. A literatu
ra não é uma resultante da cultura e nem esta daquela. Ambas -
formam uma unidade indestrutível, e o que destaca a literatura
no universo da cultura é que a literatura é a única dentre as
artes que é objeto e representação ao mesmo tempo de si mesma,
fornece à cultura uma história.-

Todo esse arrazoado, portanto, sobre como percebemos cul
tura, ressalta sempre a cultura como uma atividade humana e -
que por isso mesmo envolve a mudança do mundo. Na medida em -
que o homem muda o seu mundo e adapta-o às suas necessidades ,
ele se torna herdeiro dos objetos e símbolos que ele mesmo -
criou. Por isso cultura é percebida como uma atividade e como'
uma história. Por atividade entendemos as relações de produção
que configuram o núcleo da vida social, as divisões de traba
lho - a intrincada rede de influência e poder - um poder sobre
coisas e, o que é pior, um poder sobre o próprio homem. Cultu
ra é história porque o seu produto pressupõe herança e posse e,
mais do que isso, significa luta incessante de compreensão e -
transformação da realidade. Todo esforço, portanto, no sentido -
de desvendar o fenômeno cultura não deve se ater apenas na des
crição de um tribunal superior de cultura ^{QUE} - uma vez compreendido'

balizaria a nossa ação presente. O ato do desvelamento passa necessariamente pela análise das relações de produção, definindo a concepção que a sociedade possui dessas relações em todos os níveis de vida comum. Arte, cultura, literatura, não possuem uma história autônoma e que permaneçam dentro de uma experiência possível. Não há uma dialética interior exclusiva para cada uma delas. O curso da produção social no seu conjunto é que determina a história de uma literatura, de uma cultura, de uma arte - enfim, e só assim é que se pode compreender o desenvolvimento e as transformações que ocorreram em cada campo particularmente considerado. A divisão social do trabalho é que gera a sensação de autonomia da cultura ou da literatura, possibilitando o aparecimento de um considerável número de especialistas produtores também de um considerável número de teorias "explicativas" de cada campo. Essa sensação inútil de autonomia do saber culto, do saber literário, agravou-se com o surgimento de um fenômeno novo, a da burocracia e que leva o homem a relacionar-se com a vida, com seu corpo, com a natureza e com os demais seres humanos através de mil pequenos modelos científicos nos quais a dimensão propriamente humana da experiência desapareceu". (8)

- Georg Lukacs ao escrever sobre literatura considera que "a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura - são parte do processo histórico geral da sociedade." E ainda ressalta: "a essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por

(8) - M. Chauí, ob. cit., p. 12.

elas, constituem parte daquele processo social - geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência". (9)

Não há uma experiência estética inseparável de uma cultura. Ressaltamos que a cultura é um vasto sistema unido no qual todos os elementos se repercutem uns nos outros, se equilibram e desequilibram, se ligam num conjunto de combinações como também se rompem e subvertem para em seguida se combinar novamente.

"Só o homem", escreve Álvaro Vieira Pinto, "na sua atividade construtiva cria cultura, porque só ele, ao mesmo tempo em que opera sobre a natureza e obtém produtos do engenho, cria ~~no~~ pensamento idéias que representarão a realidade, a própria ação que pratica, e que por isso podem tornar-se guias e princípios para a organização dessa atividade. O poder de ideação, representado superiormente pela faculdade de imaginação, como poder de livre combinação das ideias e faculdade de concepção de projetos de ser, suplantando a esfera dos instintos, dota o homem de uma consciência que é a raiz de sua caracterização como animal culto." (10)

A impressão que constantemente nos assalta é que a literatura, e em especial a obra literária, se destaca da vida e se une a uma ordem particular- uma criação artificial da cultura.

(9) - Cit. de Georg Lukacs, Ensaios sobre Literatura, obr. cit. p.15

(10)- Álvaro Vieira Pinto, Ciência e Existência, obr.cit.p.136

O fato é que da cultura emerge a literatura e uma cultura permanentemente se impõe como condição sine qua non para compreender a própria literatura.

Marx lembra que "somente através do desenvolvimento objetivo da riqueza da essência humana [da cultura], pode ser, primeiramente, em parte aperfeiçoada e em parte a riqueza da sensibilidade subjetiva humana . Isto é: um ouvido musical, um olho capaz de colher' a beleza da forma; em suma, sentidos pela primeira' vez capacitados para um desfrute humano, sentidos ' que se afirmam como faculdades essenciais do homem". (11)

C.-LITERATURA E IDEOLOGIA

Ressaltamos que o objetivo central desse trabalho não é somente uma análise crítica sobre a literatura, muito mais sobre o discurso que comumente se faz da literatura. Ao tentar ' descrever como percebemos a ideologia e seu "romance" com a literatura, estamos já tentando convergir para o núcleo do trabalho: que é o de desocultar a maneira como a ideologia se veicula no discurso da literatura. Sabemos que o papel da grande obra de arte - o seu impacto - é o de desocultar a ideologia da qual ela mesma se serviu. O que nos surpreende é que a chamada "prática pedagógica" literária nas escolas se ordena ' no sentido justamente de neutralizar esse impacto preservando' a própria ideologia de sua rachadura.

(11) - Cit. de Georg Lukacs, obr. cit., p. 16

Escrevendo em especial sobre a ideologia, verificamos que estamos acostumados a crer que as idéias que temos em nossa cabeça são independentes da realidade que nos rodeia, isso tudo que está aí: a sociedade, o mundo, a história. E que portanto' as idéias que temos explicam e são responsáveis por tudo isso' que está aí, quando o certo é que tudo isso que está aí explica e torna possível e compreensível as idéias que temos. Esse corte, essa separação entre idéia e realidade, é o que chamamos de ideologia. As idéias ou representações tendem a escon - der dos homens o modo real como as relações sociais foram produzidas - o conflito de classe, a exploração econômica, o poder político, etc. É o papel da ideologia.

"A ideologia, tomada em sentido restrito, parece constituir o conjunto das representações que a classe dominante forma para fazer crer na legitimidade e na necessidade de sua dominação e esconder a si própria os fundamentos dessa dominação." (12)

Mas a ideologia não é algo separado do mundo, território sagrado onde as idéias adquirem o status de agente do processo histórico real.

A ideologia "é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão e falsidade) por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos "ensinam" a conhecer e a agir!"

(12) - Claude Lefort, As Formas da História, São Paulo Editora Brasiliense, 1979, pág. 271

E o mais importante:- " o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, - anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma' imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante." (13)

A ideologia pode ser vista, portanto, como um corpo de representações e de normas.

Constitui "o campo da ideologia no qual os sujeitos sociais e políticos explicam a origem da sociedade e do poder político; explicam as formas' de suas relações sociais, econômicas e políticas explicam as formas "correta" ou "verdadeiras" de conhecimento e de ação; justificam, através de idéias gerais (o Homem, ^{A PATRIA,} o Progresso, a Família, a Ciência, o Estado), as formas reais de desigualdade, dos conflitos, da exploração e da dominação como sendo, ao mesmo tempo, "naturais"(isto' é, universais e inevitáveis) e "justas" (ponto - de vista dos dominantes) ou "injustas"(ponto de vista dos dominados). (14)

(13) - Marilena Chauí, ob. cit., p. 3

(14) - Idem, p. 19.

Toda análise da ideologia hoje converge necessariamente para a questão da tecnoburocracia. Sem entrar no mérito do que seja a tecnoburocracia, a crença é de que esta sintetiza a própria ideologia. Tornou-se seu instrumento de ação, melhor dizendo, sua vestimenta, sua representação. Pela ideologia tecnoburocrática universaliza-se a crença de que "todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos". "Os conflitos, as contradições, os desarranjos são meros defeitos técnicos dos sistemas, são disfunções, que podem ser tecnicamente resolvidos." (15)

A ideologia tecnoburocrática incorpora como "textura espiritual" a concepção de racionalidade que lhe possibilita passar' como autoridade e legitimar o poder para os que realmente usufruem do próprio poder. Todo o universo humano hoje está impregnado pela idéia de organizar o mundo pelo desenvolvimento. Até aqui poderíamos supor que não seria um mal. aconteceu que o desenvolvimento econômico passou a ser o objetivo máximo e que traduz o sentido materialista desse mundo.

"Os objetivos econômicos são, na prática, colocados acima de todos os demais. É difícil para o homem comum e particularmente para o tecnoburocrata imaginar que possa haver outros valores, eventualmente maiores, a serem atingidos, como a liberdade, o amor, a beleza, a verdade, a justiça, a realização pessoal." (16)

Para que este vasto sistema se legitime - a ideologia tecnoburocrática - e ao mesmo tempo legitime o poder para aqueles' que detêm, o consumismo tornou-se sua filosofia básica sua sanção moral, porque "reduzindo-se todas as aspirações humanas ao

consumo, torna-se mais fácil aplicar o postulado básico da ideologia tecnoburocrática de que todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos." (17).

Marilena de Souza Chauí amplia e aprofunda o mesmo tema quando escreve que:

"com o fenômeno da burocratização e da organização, a ideologia deixou de ser discurso legislador, ético e pedagógico fundado na transcendência das idéias e dos valores, para converter-se em discurso anônimo e impessoal, fundado na pura racionalidade de fatos racionais. Não deixou de ser legislador, ético e pedagógico, mas deixou de fundar-se em essências e valores, como deixou de ser proferido do alto para fundar-se no racional inscrito no mundo e proferir-se ocultando o lugar de onde é pronunciado. Ganhou nova cara: tornou-se discurso neutro da cientificidade ou do conhecimento." (18)

"A invasão dos mercados letrados por uma avalanche de discursos de popularização do conhecimento", ainda afirma Marilena Chauí.

"não é signo de uma cultura enlouquecida que perdeu os bons rumos do bom saber: é apenas uma das manifestações de um procedimento ideológico pelo qual a ilusão coletiva de conhecer apenas confirma o poderio daqueles a quem a burocracia e a organização de terminam previamente como autorizados a saber." (19)

(17) - M. Chauí - Cultura e Democracia, ob.cit., p.103

(18) - Idem, p. 10/11

(19) - Idem, p.13

E como entra a literatura em toda essa "história" da ideologia? Vimos que a ideologia não constitui um mundo à parte, mas um modo pelo qual necessariamente o homem representa para si mesmo a realidade e acaba por ocultá-la em função de seus interesses de classe. As práticas ideológicas impregnaram o universo humano e são acessíveis objetivamente na palavra, nos signos. A literatura por sua vez não é uma ilha para além da ideologia, ela está situada no quadro da vida social e é uma das formas de representação da própria ideologia. Não nos esqueçamos obviamente que a literatura é um vasto universo de signos e palavras - palavras e signos cuja natureza é sempre ideológico-histórico-social e que tem seu próprio modo de expressar a realidade. A trajetória para compreender a realidade dos fenômenos ideológicos é a mesma trajetória para compreender a realidade objetiva dos signos sociais. Podemos afirmar que a matriz-suporte de toda a ideologia é a linguagem - uma realidade-significa materialmente perceptível. Não há textos literários por oposição ao real, mas textos emergem do real e vão reforçar a realidade-significa da própria ideologia. A peculiaridade da literatura é nos fazer sentir o real. Esse "fazer sentir" o real pode nos conduzir a dois caminhos: um que nos desvencilha da ideologia, o outro que nos compromete mais com ela. No primeiro caso estamos diante da "grande arte" que não se reduz ao sistema ideológico que contém e explicita com beleza as contradições que a ideologia procura ocultar. Lembramos, como exemplo, Os Sertões de Euclides da Cunha. Nesse livro fica claro que o autor está comprometido com a ideologia do colonialismo, que fazia passar a idéia de que pela "evolução das espécies", o sertanejo seria fatalmente derrotado e destruído. Assim o leitor passa a "compreender" e a aceitar a invasão dos "civi

lizados" do litoral no lugar de uma espécie humana inferior, como natural, de que Canudos é o primeiro exemplo desse assalto. Mas a arte de Os Sertões ultrapassa essa ideologia, ao permitir vazar as contradições sociais dos homens sem terra - que até hoje não pereceram pelo simples fato da ideologia do colonialismo assim o ter sancionado. Os Sertões sai do contexto imediato em si, a saber, a ideologia dominante e penetra - na unidade da totalidade social, para além da experiência vivida aparente e cotidiana. É evidente que nenhuma obra de arte fornece uma história completa dessa totalidade social. Ela é um modo de sentir, de perceber.

" A função do autor é dar vida às contradições inerentes à estrutura histórica ao contar a história' delas. É o elemento ficcional que dá à obra seu valor literário, que não é medido em termos de sua - perspectiva política ser reacionária ou progressista, mas em termos de até que ponto ela é não-reduzível e esta posição ideológica." (20)

Creio que ficou claro até aqui que é função da ideologia ocultar o que a grande obra literária desoculta. Aqui - poderíamos, numa espécie de salto, antecipar em esboço o que pretendemos concluir. A função do discurso sobre o texto literário - função de escolta - é o de acupar um espaço que impedirá o leitor de "entrar" livremente no universo das contradições que o texto literário explicitou e com isso assegurar à ideologia dominante seu papel de tutora da realidade. Diríamos : de única intérprete da realidade social.

(20) - Steve Burniston, Chris Weedon, Da Ideologia
ob. cit., pag. 262

D. - LITERATURA E ESCOLA

"Conclui-se disso que as mentiras das crianças são todas obras de seus mestres e que querer ensinar-lhes a dizer a verdade não passa de ensinar-lhes a mentir. No afã que temos de lhes dar regras, de as governar, de as instruir, não encontramos nunca instrumentos suficientes para o conseguirmos. Queremos ter meios de influenciar seu espírito mediante máximas sem fundamento, preceitos sem razão e gostamos mais de que saibam suas lições e mintam, do que permaneçam ignorantes e autênticas." J. J. Rousseau - do Emílio.

Em forma breve, já que se trata apenas de expor um instrumental de trabalho, vamos descrever como percebemos a escola e o seu papel de transmissora de um bem cultural tão rico como é a literatura.

Uma idéia que nos é cara e que vem lastreando essas considerações é que todo objeto de análise -sobretudo e por isso mesmo os de ordem cultural e humano - tem sempre como matriz suporte a própria ordem social político-econômica que o justifica. A maior parte da chamada "literatura pedagógica" sobre a escola se direciona num caminho sempre inverso para traçar o perfil da própria escola:- é a tentativa de explicar os seus métodos porque os acha ruins, quando o razoável seria perceber que os métodos são ruins porque a realidade social é ruim.

E sem mudar essa realidade e compreendê-la jamais poderemos - compreender a escola e "aparelhá-la" com métodos sequer razoáveis. Numa palavra, uma ordem social injusta não pode gerar uma escola justa, não pode gerar sequer uma escola, mas uma clausura onde o corte da realidade social se dá para impedir o jovem de compreender a realidade em que vive. "Por conseguinte, a reflexão fundamental da pedagogia escolar permanece, ela própria, fechada num quadro metafísico e utiliza noções das quais retira sua significação social." (21) No Brasil, o ensino profissionalizante, por exemplo, não vingou e nem vingará enquanto as relações de trabalho continuarem as mesmas na maioria das áreas geográficas - trabalho servil e limitado à exploração direta da terra. Não caminhará nas áreas urbanas mais adiantadas enquanto a força de trabalho, nas condições atuais, converteu-se numa mercadoria seguindo o mesmo estilo do capital monopolista dos países desenvolvidos e agravada a situação pelas condições de dependência desse mesmo capital monopolista, que alicia a mão de obra nacional para os ofícios mais simples e reserva o segredo da mão de obra melhor remunerada para o trabalhador "priviligiado" desse mesmo país desenvolvido. Enfim, como instaurar a idéia de uma escola voltada para o trabalho numa sociedade onde o trabalho não tem valor humano algum?

Com isso queremos dizer que consideramos a escola uma instituição extremamente complexa. Com exceção talvez do quadro negro e o giz, em seu meio nada há de imutável. Nela há tensões e conflitos, sempre abafadas por controle e vigilância regidos por normas (notas) e regulamentos (estatutos) que extrapolam seu próprio meio.

(21) - Bernard Charlot, A Mistificação Pedagógica, Obr.cit. p. 174.

Nela se articula camufladamente a ideologia da classe dominante e que torna a escola de fato numa instituição social que as segura funções econômicas, sociais e políticas ligadas à dominação de classe. É ela um pára-raio de tensão social onde milhares de pessoas (os dominados) aprendem os valores "mais Altos" (dos dominadores), e se "acostumam" desde cedo a aceitar' a imagem do fracasso sem revolta, dos ideais sem contestação. É ela o mais significativo "aparelho ideológico do Estado" (entendido aqui Estado como poder instituído pela classe que controla os meios de produção) onde "a reprodução da força de trabalho tem pois como condição sine qua non, não só a reprodução' da "qualificação" desta força de trabalho, mas também a reprodução da sua sujeição à ideologia dominante ou da "prática" desta ideologia" (22)

Para aprofundar um pouco o que seja a expressão "aparelho ideológico", vamos nos ater a uma citação extraída do livro "O Estado, o Poder, O Socialismo" de Nicos Poulantzas. Escreve citado autor que "a ideologia não consiste somente ou simplesmente num sistema de ideias ou de representações.

Compreende também uma série de práticas materiais extensivas aos hábitos, aos costumes, ao modo de vida dos agentes, e assim se molda como cimento' no conjunto das práticas sociais, aĩ compreendi - das as práticas políticas e econômicas. As relações ideológicas são em si essenciais na consti - tuição das relações de propriedade econômica e de posse, na divisão social do trabalho no próprio' seio das relações de produção. O Estado não pode sancionar e reproduzir o domínio político usando' como meio exclusivo a repressão, a força ou a

(22) - Louis Althusser, obr. cit., p.22..

violência "nua", e, assim, lançando mão diretamente da ideologia, que legitima a violência e contribui para organizar um consenso de certas classes e parcelas dominadas em relação ao poder público. A ideologia não é algo neutro na sociedade, só existe ideologia de classe. A ideologia dominante consiste especialmente num poder essencial da classe dominante!" E conclui, "desse modo, a ideologia dominante invade os aparelhos de Estado, os ^{quais} igualmente têm por função elaborar, apreçoar e reproduzir esta ideologia, fato que é importante na constituição e reprodução da divisão social do trabalho, das classes sociais e do domínio de classe. Esse é por excelência o papel de certos aparelhos oriundos da esfera do Estado, designados aparelhos ideológicos de Estado, mesmo que pertençam formalmente ao Estado ou conservem um jurídico "privado": Igreja (aparelho religioso), aparelho escolar, aparelho oficial de informações (rádio, televisão), aparelho cultural, etc!" (23) Ao referir-se à escola como aparelho ideológico do Estado, assim comenta Louis Althusser: "pensamos que o Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante (a Igreja), é o Aparelho Ideológico escolar." (24)

(23) Nicos Poulantzas, obr. cit., p.33/34

(24) Louis Althusser, obr. cit., p. 60

E explica porque: "nenhum Aparelho Ideológico de Estado dispõe durante tanto tempo da 'audiência' obrigatória (e ainda por cima gratuita...), 5 a 6 dias em 7 que tem a semana, à razão de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista."

E continua: "Ora, é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (savoir-faire) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de Produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados. Os mecanismos que produzem este resultado vital para o regime capitalista são naturalmente envolvidos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente reinante, visto que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como um meio neutro, desprovido de ideologia (visto que...laico), que os mestres, respeitosa da "consciência" e da "liberdade" das crianças que lhe são confiadas (com toda a confiança) pelos "pais" (os quais são igualmente livres, isto é, proprietários dos filhos) os fazem ceder à liberdade, à moralidade e à responsabilidade de adultos pelo seu próprio exemplo, pelos conhecimentos, pela literatura e pelas suas virtudes "libertadoras". (25)

A grande importância que se possa dar à concepção de escola como um dos aparelhos ideológicos do Estado de Poulantzas e Althusser é que eles introduzem categorias que facilitam compreender a função da escola suas relações e articulações com a totalidade social. Se há falhas nessa concepção não é o caso de entrar no mérito. O que sabemos é que a escola tem por função essencial preparar para a vida um homem de que é preciso desenhar o perfil, e o que não sabemos muito bem é que esse "perfil humano" já está camufladamente desenhado e veiculado pela ideologia da classe dominante nas escolas. É muito fácil in abstracto definir a escola como uma agência promotora da justiça social, o difícil é pensar nisso sem atacar a distribuição de renda, por exemplo, ou a propriedade da riqueza que acabem afetando e definindo um perfil de escola.

Acrescentamos, à guisa de um quadro geral e de resumo, que a maioria das pessoas que "invadem" a escola para beneficiar-se da justiça social de que ela se diz promotora, passa por três níveis de exploração: na economia, na sociedade política e na ideologia. No primeiro, ocorre um corte entre o trabalho e os meios de produção; o trabalho é apenas uma mercadoria cujo valor é definido pelo proprietário dos meios de produção. No segundo, surge o Estado que se coloca ao lado daqueles que detêm os meios de produção. "Esse Estado, afastado das relações de produção, situa-se precisamente ao lado do trabalho intelectual, ele mesmo separado do trabalho manual" (26), e surge então o poder político do Estado que é exercido ora pela força de seus aparelhos repressivos ora pela persuasão e que constituem o terceiro

nível de exploração - a exploração ideológica. Todo o esforço é, nesse terceiro nível, de se alcançar para os que já dominavam a economia e a sociedade política, também a hegemonia do mundo, de conceber o mundo e explicá-lo segundo seus interesses de classe. A função da escola é viabilizar a inculcação da concepção do mundo da classe dominante sobre os dominados. No Brasil, os sonhos de grande potência que impregnaram a mente de nossos tecnoburocratas se traduziu pelo esforço governamental nas ^{DUAS} últimas décadas de construção acelerada de um país moderno e altamente industrializado, dentro do perfil econômico das sociedades de consumo mais avançadas. Via de consequência, a ideologia e a praxis dessa sociedade de consumo passaram a dominar inteiramente as instituições educacionais. A visão dessa sociedade de consumo foi imprimida na escola brasileira, onde o homem deve ser considerado mero produtor ou consumidor de bens e de serviços.

"Esse duplo aspecto - consumir e produzir - interessa, com efeito, ao projeto nacional vigente. Nenhuma participação social e política é aventada ao escolar brasileiro. Não mais cabe ao professor formar o jovem sob o signo da responsabilidade que lhe caberia no futuro como condutor dos destinos sociais e políticos do país. O ser humano passa a ser apenas um elemento de agragação estatística. Proclama-se que a renda per capita é de US\$ 1.200. Declarar-se que, quando chegamos a uma renda de US\$ 5.000, estará realizado o projeto histórico em curso. Essa visão pífia do ser humano e do seu papel social e histórico torna a escola um instrumento formador de

seres produtores e consumidores de bens capazes de engrossar o Produto Interno Bruto e sua distribuição aritmética pelo número de habitantes recenseados. O caráter humanista da escola, como instrumento da formação plena do homem político, deixou de existir. E por manter ainda certos resquícios do humanismo que lhe marcou a fase anterior, é ela colocada sob suspeita permanente. Daí a necessidade' de destruir as características institucionais que possuía. A massificação se impõe como objetivo máximo das autoridades encarregadas de transformar a escola num aparelho preparador de produtores e consumidores de bens e serviços. A destruição ^{DAS GRANDES} ~~de~~ instituições escolares ligadas à ideologia humanista' e democrática é meta prioritária da tecnoburocracia, a fim de que se instaure de vez a escola empresa, a escola-produto, a escola-consumo, a escola-lucro". (27)

Todo esse esquema não deve ser visto de uma maneira simplista. Foi dito que a escola é uma instituição complexa, isto porque ela reflete uma realidade complexa. Enfatizar a escola consumo, a escola como aparelho ideológico da classe dominante é uma trilha que ajuda muito a compreender como a ideologia dessa classe "trabalha" para impor seu "saber". Mas seria um erro ficar unicamente ^{NESSA} ~~em~~ fase da escola como expressão das forças sociais dominantes, do Estado, do regime estabelecido, com exclusão de outros componentes sociais complementares

(27) - Modesto Carvalhosa, "O Professor da Escola-Consumo",
in Folha de São Paulo, 15.10.1977.

independentes ou antagônicos.

" De fato, a educação, e singularmente a escola, é um dos campos onde se desenrola o debate ideológico atual, um terreno de contradições e de lutas incessantes, que vão influir nas suas finalidades.

Enfim, esta determinação não deve imaginar-se de maneira exclusiva: os fatores sociais não são os únicos a agir. Os indivíduos - alunos, pais, utilizadores atuais ou virtuais - exercem uma influência consciente ou inconsciente sobre a determinação e as inflexões das finalidades da educação. Por seu lado, o pensamento pedagógico, a filosofia, as ciências e a teoria da educação, as ideologias gerais, intervêm, também, com o seu peso e movimento próprios, no enunciado das finalidades."(28)

E a literatura, como entra nessa instituição social complexa: a escola?

Parece que há uma crença comum de que a palavra gera o poder. Ajudar o indivíduo a falar bem, a escrever corretamente, seria função primordial da escola, pois o indivíduo de posse do falar e escrever corretamente, estaria de posse do próprio poder. Isto é uma crença otimista, pois só o poder é que gera o poder de falar. E de todos os meios de ação que a classe dominante - a classe de poder e do poder - dispõe para determinar o funcionamento do fenômeno literário como prática pedagógica, o mais importante é a escola.-

(28) - Edgar Faure , Aprender a Ser
ob. cit., p. 228

Ela constitui o instrumento privilegiado de dominação da classe dominante, pois é nela evidentemente que o homem aprende a ler - aprende a assimilar pela literatura seus "valores universais" de dominação. Se a escola é o lugar privilegiado da inculcação ideológica, a literatura, pelo seu grande repositório de cultura, é disciplina privilegiada da escola, cujo discurso precisa estar sempre "afinado" com essa ideologia. Já foi dito e escrito que o professor de literatura é, antes de tudo, um professor de civilização. Insistimos: da civilização sancionada pela fraseologia dos donos do poder.

Uma literatura não pode ser aceita pela classe dirigente que não lhe permita reconhecer-se. Caso contrário, uma correção intervém imediatamente: uma vez apenas e disfarçadamente' pela ênfase estética e com isso instaurar-se o formalismo e o esteticismo, ou, quando não possível, denigre-se o discurso, escamoteia-o, esquece-o. Citamos o exemplo Lima Barreto que - durante tanto tempo foi sempre visto como um escritor criativo, mas que "escreve mal", justificativa para silenciá-lo em nossos manuais e privar o leitor brasileiro de uma rica obra' de denúncia social.

A importância, portanto, da literatura na escola - digamos: como prática pedagógica de "civilização" - se configura' sobretudo porque ela viabiliza pela arte (pela sutileza e formas de estilos) a veicular a ideologia da classe dominante e, conseqüentemente, mantém o homem comum na ilusória expectativa de que uma vez de posse do discurso literário, estará de posse do poder - do poder de estar entre os dominadores. A escola tem por função, portanto, ensinar a literatura para o indivíduo assumir de fato um poder, mas o poder formal e alienante, o poder dos sem poder. Isso porque os interesses da

classe dominante solicitam da literatura, e sobretudo do discurso pedagógico sobre a literatura, o ornamento sem compromisso, a discussão formal e vazia.

Em Literatura e Sociedade Antonio Cândido afirma que - "diferentemente do que sucedeu em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas' o fenômeno central da vida do espírito". Isto porque, "ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento." (29). Para consolidar, parafraseando aqui Euclides da Cunha, "os nossos frágeis laços de solidariedade" nacional.

Esse comentário é verdadeiro do ponto de vista de uma literatura como bem cultural que ajudou a forjar a consciência do colonizador e seus herdeiros do mundo novo. Justamente por ser bem de cultura, por ser expressão de cultura, e sobretudo' por ser expressão, a literatura do héroi colonizador não deixou de viabilizar sua própria ideologia na medida em que camuflou o Brasil real aos olhos de seus herdeiros. "Minha terra - tem palmeiras onde canta o sabiã", quando era o pau-brasil com o sangue e o grito de índios escravos;" havia índios bonitos e fortes", quando em verdade já estavam sendo maculados pela sífilis dos "civilizados" invasores e trucidados pelos pelo crime de serem livres e diferentes.

Por outro lado, percebemos também que a literatura como forma privilegiada de arte não é só o de viabilizadora de uma ideologia. Seria limitar demais certamente a expressão mais rica da cultura humana. Não existe um tribunal superior da justiça que possa penalizar a literatura por servir a uma ideologia

(29) - Antonio Cândido - Literatura e Sociedade,
obr. cit. p.156/158.

de classe, mesmo porque a chamada literatura que permanece e que foi dito aqui é justamente aquela que, embora expresse e se sirva de uma ideologia de classe, ela consegue mostrar as contradições da totalidade social. A bela palavra não existe para ocultar a realidade mas para mostrá-la em toda a sua grandeza e miséria, pois só assim o homem toma consciência também de sua grandeza e miséria e procura assumir seu lugar de privilégio no mundo. A literatura é um modo de conhecimento e de ação, diferente da ciência a qual não pode nem poderá identificar-se, responde a necessidade sociais e individuais. Tem, enfim, uma função necessária, revolucionária na medida em que responde a necessidade específicas de conhecimento e de transformação do mundo.

AINDA UMA VEZ A QUESTÃO DA CULTURA E DA LITERATURA

AINDA UMA VEZ A QUESTÃO DA CULTURA E DA LITERATURA

"O ato especificamente cultural é o criador, aquele em que extraímos o logos de algo que ainda era insignificante (i-lógico)."

Ortega y Gasset

Foi escrito no cabeçalho deste trabalho que o ensino de literatura tem constituído um fator de fragmentação da práxis cultural. Embora não se pretenda mudar esse rumo, o que se pergunta é o seguinte: é possível fragmentar a cultura? Ou ainda: é possível fragmentar o homem, torná-lo tijolinhos sem vida no vasto universo de sua ação? Se fosse possível essa fragmentação, não estaríamos apenas reforçando a idéia de uma aventura inútil - a humana?

É preciso sempre problematizar a cultura, não porque de repente tenhamos sido assaltados pelo sentimento frívolo de gratuidade, mas certamente isto: a cultura está no centro de todas as questões, ela não é somente o código que me liga ao mundo, uma apreensão da realidade que me torna senhor ou escravo desse mesmo mundo, - é também o espelho permanente de meu encontro e de minha perdição. É um convite à luta e um convite à perda. Um convite à luta porque garantia de identidade, um convite à perda porque sentimento e idéia de separação, de corte com a realidade. Já foi escrito muitas vezes que o que caracteriza a condição humana é a separação, o fato do homem se sentir estrangeiro em seu próprio mundo.

O mito judaico da criação do mundo situa a separação ao nível da desobediência e do sentimento de culpa. O homem se sente culpado por não ter podido proteger a herança da criação. A cultura é o espelho que o faz se contemplar nu, descobrir o pavor de existir, uma existência perdida e sem retorno. O sentimento de separação, de corte com a realidade, está colocada, portanto, desde o início. A separação significa para o homem que o mundo não é um paraíso que se recupera ou se reorganiza, mas um conflito permanente de ser e não-ser, de aparecer ou perecer, de existir ou desistir. A consciência de ser e de estar em conflito face à própria consciência da separação, coloca-o diante da necessidade de superá-la pela cultura. Esta se torna o centro de todas as questões, porque constitui a única via dessa superação. Pela cultura o homem consegue urdir a teia que forma o elo perdido da natureza e tornar a sua ação menos gratuita e possivelmente sua aventura menos inútil. O problema que se coloca permanentemente para ele é que não é dono de sua própria cultura. Assim como ele herdou uma cultura de empréstimo e que só tem sentido nas relações sociais. Cada um de nós sustentamos a secreta ilusão de uma cultura sem herdeiros, mas o máximo que fazemos é apenas reelaborar o que já foi dado e prosseguir nossa trajetória. A caneta com a qual escrevo, a mesa que sustenta o caderno, a cadeira sobre a qual eu me sento, constituem por si sós instrumentos que me garantem sustentar ser um homem de cultura e vivendo em função dela. As inúmeras citações me "garantem" ingressar no palácio das convenções acadêmicas e o ganho possível de títulos para subir a escada de sua hierarquia. Mas a unidade, a garantia de totalidade que me reinstaura novamente

no mundo se situa no plano da reelaboração permanente dos chamados produtos de cultura- marca de existência humana-que me circundam. Sem a reelaboração da cultura o homem não passaria' de um lamentável marionete num circo de variedades. Ao problematizar a cultura, o que se reconhece de imediato é justamente o círculo fechado e estreito dessa reelaboração. Desvendar os fatores que levam à fragmentação da práxis cultural, nas condições de vida material de hoje talvez seja no fundo desvendar ' essa impossibilidade de recriação da cultura e garantir que o homem possa centrar-se em seu próprio eixo. O certo é que talvez o homem não se fragmenta jamais, mas o que ocorre, isto ' sim, à falta de um termo mais adequado, é o estreitamento de sua própria consciência(1), situado num mundo não fertilizado' pela prática cultural globalizante e integradora. Tal qual uma planta sensível que não recebe a luz do sol para realizar a fotossíntese, vai murchando até o esgotamento completo face ao inevitável de sua própria morte. Já se disse muitas vezes que cultura é vida, e o que se possa lamentar é que se trata de uma afirmação que caiu num lugar comum, quando deveria ser tratada com mais seriedade. Isto porque cultura e vida são dimensões de uma ^{MESMA} realidade, e o que se declara é que o homem é o único animal no mundo que não conseguiria sobreviver sem um ambiente fertilizado pela cultura, tal qual o exemplo da planta sem a luz que possibilite a fotossíntese para a sua vida. Parafraseando Jean Piaget, a garantia de sobrevivência para o homem estaria diretamente condicionada à existência de uma educação da cultura, embora referido autor fale

(1) - Estamos lembrando aqui a seção 2 do livro de L.Goldmann, A Criação Cultural na Sociedade Moderna.

apenas da educação de um modo geral. Ao tocar no problema de uma prática fragmentária da cultura, o que queremos dizer é que toda a cultura tem uma coesão e uma unidade interna ameaçadas por essa prática, e por via de consequência, as condições de sobrevivência do homem. A expressão "cultura de massa" já representa hoje a marca distintiva dessa prática fragmentária. Isto porque cultura, embora tenha sua especificidade (cultura italiana, cultura indígena), no fundo todas se identificam pela coesão e unidade internas. A "cultura de massa" veiculada pelos mecanismos de comunicação também de massa o máximo que conseguiu foi banalizar a própria cultura, gerar uma crosta de signos sem sentido sob o qual se encolhe o homem, e vai perecendo sem rumo e sem dignidade. Esse complicado mecanismo de comunicação de massa centrado no falso projeto de cultura de massa e cuja marca distintiva é o tratamento fragmentário da cultura de um modo geral, o que tem gerado é uma necessidade quase que histórica de volta às origens da cultura, de uma meia-volta às fontes de onde brota o impulso criador do homem, ou se quisermos ser mais coerentes, o impulso reelaborador da cultura colocado desde às origens. O suposto conflito entre cultura erudita e cultura popular (cultura de massa) dando-se hoje em dia uma importância muito grande a esta, poderia representar talvez uma meia-culpa do grupo social política e economicamente dominante (grupo hegemônico) a propósito de uma concepção de cultura de mãos sujas - promovida no elenco de objetos vendáveis. Porque cultura não é algo que se possa promover, mas é algo do qual se deve desconfiar. E da cultura o que se pode historicamente sustentar é um ideal de educação inerente ao seu próprio fenômeno. Não há cultura para se vender e satisfazer a falsos

apetites de grupos sociais dominantes e dominados. Ao falar de cultura estamos sempre recorrendo a um ideal de formação humana e não de sua manipulação. Porque o que esta inspira e coloca sempre para o homem é o exercício da dignidade e razão de ser de sua própria existência. Não sei se com isso estamos falando de uma cultura de filosofia ou de uma filosofia da cultura. Esse "jogo da amarelinha" faz apenas lembrar que estamos desconfiados do valor e certeza de nosso próprio passo - desconfiados da cultura. Convenhamos que o que pode garantir o núcleo de qualquer raciocínio sobre cultura - sem com isso querer se prender a princípios - é o lugar comum de que um problema nunca está acabado, caso contrário não seria mais um problema (ou seria um outro problema) por não corresponder a uma necessidade individual ou coletiva de permanente busca de equilíbrio entre o homem e a natureza. Porque a cultura é um processo vivo, uma maneira de ser e agir social e individual, não algo estratificado e ordenado segundo um demiurgo neutro capaz sozinho de gerir o rumo da ação humana. Já há muito tempo a cultura é vista como sendo a totalidade das manifestações de vida de um determinado povo, grupo social e até mesmo uma nação inteira. Essa simplificação esvaziou a velha e profunda noção de cultura como tendo o significado de um ideal de vida, de um projeto histórico de formação humana. Se esse modo amplo de perceber cultura facilitou o intercâmbio de informações sobre o seu significado e possibilitou a classificação de seu produto para um grupo ou uma nação, por outro lado tornou o conceito de cultura algo muito banal. Não estamos analisando as causas dessa conversão, mas verificamos que seus efeitos têm sido o mais desastroso possível. Ao perder a cultura o

significado de ideal de vida, perdeu conseqüentemente o seu significado de um projeto de formação humana. Se o homem não trabalha mais em função de um ideal de formação cultural, se não há mais perfil humano por que lutar, não há mais sequer um método que me garanta caminhar na direção de uma visão totalizante de cultura e certamente iremos desembocar em becos sem saída - iremos fragmentar mais o que queremos unir e compreender. Todo aparato expressivo da obra de arte hoje em dia, inclusive a literatura, é um aparato de recusa - usando um termo de Lucien Golgmann. Um aparato de recusa e de renúncia a projetos de superação dos problemas humanos, efeito - desse sentimento de perda e empobrecimento da cultura. A literatura parece que renunciou à "dimensão do possível e da ultrapassagem e que coloca, no seu centro, o problema da liberdade, da revolta e do não-conformismo. (2)

O educador em nível de sala de aula não trabalha mais essa - dimensão do possível, porque não tem da literatura - como um fenômeno privilegiado de cultura - o que trabalhar.

Hannah Arendt por outras vias descreveu esse mesmo sentimento de perda e empobrecimento da cultura humana originário da perda da idéia de passado e de perspectiva para o futuro, como se todos nós estivessemos apenas mergulhados na - "sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem." (3)

É evidente que não se trata de reinstaurar uma visão - pragmática de cultura e incorrer no mesmo erro de fazer dela um produto de consumo, satisfazer a muitos gostos e procuras.

(2) - Lucien Goldmann, ob. cit. pág. 21

(3) - Annah Arendt, ob. cit. pág. 31

Sabemos também que ao mergulhar nos descaminhos da cultura que não há cultura neutra, inocente e que paire acima de todas as cabeças. O que há sempre no fundo é uma necessidade humana de encontrar na cultura os instrumentos de equilíbrio entre o homem e a natureza e entre si mesmo. Desconfia-se dela, ^{QUE} vê nela e por ela uma ruptura sempre ocorre, a saber, uma ruptura entre o modo de reelaborar a cultura e a própria cultura. O que permanece talvez é apenas uma relação fragilmente mediatizada entre cultura e homem e que batizamos pelo nome de reelaboração. É muito difícil e não há ciência alguma que me garanta (ainda bem) o acesso à cultura. Quando muito o que se pode compreender (ou apostar?) é essa mediação que refaz a ruptura e possibilita o equilíbrio entre indivíduo e natureza. Talvez uma gênese da própria fragmentação da cultura não emerge apenas dos fatores de ordem social e econômica, mas da consciência da própria ruptura homem e ambiente físico. Por isso o problema que se renova é se todo esforço para compreender as causas de uma prática fragmentária da cultura não nos levaria também a uma concepção fragmentária face ao inevitável original da própria ruptura? É difícil supor que não, mas só ficaríamos à deriva na inocência de uma aventura totalitária possível e acabada. De mais a mais, se aventurássemos a fazer uma arqueologia da cultura, notaríamos que é sempre mais difícil chegar obviamente à sua camada mais profunda e ficamos sempre removendo e encobrimdo a sua própria superfície. Se alguma "lição" dessa imagem do óbvio podemos tirar, é que na camada mais profunda se situa a visão ou intuição globalizadora do homem que constitui, a nosso ver, - sem a necessidade de nenhuma ilustração o essencial para garantir qualquer idéia de cultura.

E é justamente essa intuição globalizante que está sempre ameaçada por inúmeras práticas fragmentárias (trabalho, organização) que inibem e impedem a mediação integradora - núcleo e fundamento da própria cultura. Sentimos que estamos sempre vendo o mundo na perspectiva de um olhar partido, de um homem já dividido pelas condições de vida material modernas caracterizada pela crescente e irreversível urbanização de estilos e formas de vida que rompem a contextura integradora da cultura humana. E DEIXA seu lugar uma outra cultura - uma cultura de receitas, uma cultura culinária. A publicidade capitalista - anúncios, placas, outdoors, folha de propaganda - compõe o fragmentado ' pano de fundo da "cultura" culinária de hoje e vai condicionar todo o nosso modo de ver e perceber o mundo também fragmentado.

Retomando a pergunta inicial se é possível fragmentar a cultura, a resposta só pode ser dada à maneira do sim e do não. Enquanto prática social que encaminha na direção de apenas consagrar os produtos ideológicos de uma classe ou grupo social ' no poder como garantia de seus privilégios, a cultura já está como processo de inculcação ideológica fragmentada. Mas enquanto processo de reelaboração mediação integradora a um nível de grupo, seria inconcebível pensar-se uma cultura fragmentada, pois teríamos que pensar um homem fragmentado e por isso mesmo morto. Às vezes somos tentados a falar de cultura a um nível individual levando-se em consideração que há atrás de tudo um sujeito que fala. Mas o sujeito é o sujeito que fala a um outro sujeito. Quando falamos, portanto, não podemos absolutizar a idéia de sujeito da cultura, aquele que solitariamente reelabora a cultura para proveito único. Um nós é sempre a relação possível e a reelaboração está sempre nessa relação eu e

o outro ou os outros. Se não fosse assim não haveria linguagem possível de comunicação entre os homens - estes seriam animais mudos num mundo onde sequer poderia haver a presença de vida. A consciência de uma ruptura, de um corte com a realidade, não emerge evidentemente de um pecado original da cultura, como se esta estivesse eternamente condenada a fragmentar-se, mas da própria consciência crítica desse distanciamento entre o homem e a cultura herdada. O homem que aprendeu a manejar um arado ou a guiar-se por uma estrela, certamente não é o mesmo homem que hoje vê o seu arado transformado em trator e a estrela encoberta por aeronaves estranhas a ele. O distanciamento e não a fragmentação - que se instaura ao problematizarmos a cultura, recebe um reforço impressionante da história, na medida em que seus instrumentos de cultura outrora familiares hoje se inserem no arsenal de um mundo quase impenetrável. O arado era familiar ao homem porque constituía o seu que-fazer quotidiano - era a extensão do dedo de seu próprio pé. Uma estrela-guia estava ali no horizonte todos os dias, e entre ele e a estrela interpunha-se apenas o imaginário de um cismar mítico de sua própria identidade. A aeronave que hoje se interpõe entre seu olhar e a estrela, rompe o véu tênue de seu imaginário e por mais paradoxal que seja, aprofunda o sentimento de impotência e de abandono. O homem sai do imaginário e ingressa no território da alienação, e esta acrescenta mais um problema - talvez o fundamental - para as grandes questões da cultura.

Esse comentário foi movido por algumas intenções. A mais importante delas é certamente tentar posicionar-se face a cultura não de modo ingênuo optando por algumas posições já sedimentadas no universo acadêmico e que preferimos dizer que desconfiamos de um modo geral da cultura e em particular de nossa própria. Em segundo lugar, esboçamos mais um pouco as linhas -

metodológicas do trabalho. Isto porque anteriormente ficou - expresso que a orientação conceitual predominante de nossa - tarefa é pensar a partir dos fundamentos econômicos e histó- ricos que ajudam a explicar em última instância o discurso - da literatura e, sobretudo, a ideologia que esse discurso - veicula e viabiliza. Esta posição é reforçada pela necessida- de também de desconfiar um pouco dela, sobretudo por se tra- tar de um estudo centrado no fenômeno literário e, como conse- quência, da obra de arte. É muito difícil, e mesm^{NÃO}o seria re- comendável, simplesmente se ater no limites do discurso sobre a literatura. Mesmo porque a literatura continua a ser uma - das únicas reservas culturais ainda a ser encarada como ideal de formação humana - projeto que a cultura de um modo geral - perdeu. E como consequência desse ideal de reserva a literatu- ra não se situa no território de sombras de uma tradição de cultura - algo feito para fruição e enfeite. Ela é conhecimen- to histórico e da história, além de ocupar, no universo cultu- ral, o lugar de privilégio como exercício de liberdade humana. A questão é que a literatura, como toda arte, vai irreduti- vel ao irredutível e ela só pode ser vista e compreendida nes- se exercício de liberdade e, portanto, enquanto domínio de va- lor. O juízo que fazemos sobre literatura é sempre um julgamen- to de cultura. E se a questão ideológica é sustentada, isto ' porque a ideologia que se veicula no discurso literário tam- bém está presente na obra de arte, com a diferença de que o escritor consegue superá-la tornando explícito o que ele mes- mo, sem dar conta, estava ocultando pela ideologia. É o que vamos tentar mostrar no passo seguinte, sem antes ainda dei- xar de rever a questão da ideologia e literatura.

AINDA UMA VEZ A QUESTÃO DA IDEOLOGIA E DA LITERATURA

AINDA UMA VEZ A QUESTÃO DA IDEOLOGIA E DA LITERATURA

Foi escrito neste trabalho a respeito de ideologia que esta é o modo pelo qual a classe dominante articula seus valores, suas idéias, visando ocultar seus interesses de classe. Foi dito ainda que a classe dominante "concretiza" a sua ideologia ' através de certos aparelhos a que Althusser chamou de um lado, aparelhos repressivos, e de outro, aparelhos ideológicos. O primeiro aparelho é representado pelas forças de repressão (exemplo: o exército), e o segundo pelos mecanismos culturais ' de persuasão - a escola, por exemplo. As condições objetivas ' que permitem o uso desses aparelhos pela classe dominante é o fato óbvio da existência de uma classe dominante e que tem o Estado sob o seu controle e que chamamos poder de estado. In - sistimos ainda em especificar todo esse ^{QUADRO} apoiando-nos ^{NA AUTORIDADE} de um Nicolas Pulantza, Luis Bresser e Marilena Chauí, sobretudo no que diz respeito à nova linguagem da ideologia da classe dominante que é, contraditoriamente, a reivindicação da racionalidade pa ra a ideologia introduzindo o conceito de tecnoburocracia. Essa racionalidade no entanto, é contraditória uma vez que é próprio da ideologia o ser avesso ao racional. A ideologia apa rece como discurso racional aparentemente não contraditório ' porque é o discurso de um poder dominante e que traz o regis - tro de um discurso competente também dominante. Introduzir o componente racional na ideologia, se fosse possível, é rompê - la por dentro, propor a sua extinção, porque o que predomina ' no chamado fenômeno ideológico é justamente a sua irracionali - dade, a sua aura de mistério. Aclarar a ideologia por meio

de um discurso crítico, racional, é torná-la nua, desvelar seu discurso, explicitar as contradições sociais das quais ela se serve ao acobertá-las. O problema central de todo esse discurso é que a "práxis crítica" que nos conduz a aclarar as contradições que a ideologia procura mistificar é também um outro discurso ideológico.

Por isso o que nos leva a insistir na questão ideológica é a tendência predominante de percebê-la quase sempre como uma agência manipuladora e a-ética dos costumes e ação humanos quando não ainda centrada numa visão mecanicista que em última instância explicaria como a ideologia se articula entre uma infraestrutura econômica e a superestrutura política, religiosa ou jurídica. A ideologia, portanto, é vista como agência corruptora na medida em que ela apenas seria o aparecer daqueles valores não-críticos na defesa dos interesses de um grupo ou o reflexo mecânico desses interesses. Karl Marx de certo modo foi o responsável por essa tendência quando, na Ideologia Alemã, tratou-a como uma matéria de segunda classe. A partir de suas análises, todo discurso que pretendesse a cientificidade teria que ser por princípio anti-ideológico. Não se trata evidentemente de perguntar se Marx tinha razão ou não. Dúvidas como esta são incluídas no rol de matérias acadêmicas irrelevantes mesmo porque as condições históricas são sempre outras. A grande contribuição de Marx foi mostrar justamente que todo pensamento teórico são expressões de fatos sociais, ou mais especificamente, de fatos econômicos. Aquele que desenvolve seu pensamento teórico acredita estar centrado sobre seus próprios dados e perde a consciência de seus determinantes.

Áqui surge a questão a nosso ver relevante: é que a consciência dos determinantes históricos de um pensamento teórico pressupõe já uma opção ideológica desses determinantes. A base ideológica de todo pensamento tem o seu reconhecimento na constatação de que não há pensamento desenraizado, puro, inocente.

O que se cobra de um pensamento é a coerência maior possível de seu arcabouço teórico e os fatos sociais que ele pretende explicar. Talvez até pudéssemos arriscar: a coerência de "sua ideologia" com a realidade. O universo humano, portanto, está impregnado de ideologia, e todo esforço no sentido de explicitá-la pressupõe a opção por uma outra ideologia. Não há pensamento anti-ideológico, e a força do pensamento, além de seu grau de coerência, está em mostrar que as ações humanas derivam muito mais de sua história que de seu pensamento. Muito antes de Marx, Frederick H. Jacob escrevia o seguinte:

"as ações dos homens não devem ser deduzidas da filosofia, senão ^{QUE} esta deve ser derivada muito mais de suas ações; sua história não nasce de seu modo de pensar, senão que este nasce de sua história."(1)

Não é possível converter realidades históricas em essências intemporais desprovidas de contradições e de movimento. Mas não é possível também tratar a ideologia como se fôssemos um-não-ideológico, um demiurgo inocente e justo separando o joio do trigo, a saber, explicitando o verdadeiro do falso. De passagem, pegamos o mesmo bonde e ressaltamos que somente uma postura dialética nos ajudaria a superar a questão, mas lembramos que a postura dialética na medida que nos leva a encarar e a aceitar as contradições da realidade histórica como elas são, exigem também uma postura de reserva capaz de nos resguardar contra a

(1) - Apud Lerzek Kolakowski, El hombre sin alternativas,

pedante~~ria~~ "científico-lógica" da visão mecanicista da história, que ainda está impregnando a maioria dos discursos que tratam da questão ideológica. É sempre importante repetir que a realidade para aquele que labora uma metodologia dialética é um complexo intrincado de ações e reações recíprocas. Não é possível um raciocínio linear de causa e efeito. (Ou melhor : ele é possível, mas sempre pobre e fragmentado.) Mas não é possível também uma postura arrogante de que a dialética responde aos apelos de um saber sem limites. Talvez fosse correto dizer que a realidade é dialética, mas que o saber essa realidade pressupõe um movimento onde há riscos, recuos, erros, preconceitos, crenças, coragem - todos os condimentos possíveis de um raciocínio humano que não apela a nenhuma autoridade senão a liberdade de busca e de crítica. O ato de conhecer a realidade constitui sobretudo um saber novo, um saber que acrescenta à realidade de onde parte. A realidade torna-se menos estranha ao conhecimento, porque o saber novo institui uma distância, um corte, faz um espaço mensurável, objeto de um saber. Mas em nome de uma visão dialética da história o que temos visto é uma condenação tácita da própria dialética na medida em que os fatores de ordem econômica são tratados na linha de causa e efeito. Uma infraestrutura é mãe-responsável (~~é mãe-responsável~~) por tudo aquilo que acontece na superestrutura num procedimento que parece em princípio matar todas as charadas da questão ideológica e, o que é menos sensato, da ^{vida} ~~visão~~ humana: "aquele escritor, dizem, não descreveu corretamente a realidade porque não percebeu os fatores de ordem econômica e social subjacentes a ela e

ingressou numa via ideológica falsa"; "a literatura brasileira do período do século XIX é pobre porque seus autores não perceberam que estavam a serviço da ideologia do colonialismo" (Podemos até partir do pressuposto de que ela é pobre, mas seria por esse fator?) "nossos textos de literatura quase todos consagram uma cultura de ponta por onde a ideologia da classe dominante veicula seus valores, escamoteia a exploração sobre o povo", e etc e etc.

A literatura não está evidentemente e certamente imune a nenhuma ideologia. Seu instrumento, isto é, seu artesanato é a palavra escrita - a forma signíca materializada da ideologia. A literatura até poderia ser chamada de o modo de encenar artisticamente a ideologia. Paradoxalmente o desejo secreto de todo escritor é fazer emergir uma literatura sem palavras, ou fazer com que o leitor se envolva de tal modo nas trilhas do enredo como se não estivesse lendo palavras, mas vivendo situações, instaurando outros mundos. Nessa função, no entanto, uma ambiguidade é quase possível: há um quadro de referência, há teorias que o escritor aceita como pano de fundo, conjecturas, concepções e escolhas, enfim, há uma ideologia da qual o escritor se serve para a compreensão da realidade que o envolve; e há, por outro lado, a falta de um nome menos comprometedor, uma intuição - que se traduz na aceitação' do risco de opinião, conceitos indefinidos, chamada para o novo, momento em que o escritor rompe com o sortido e paralizante arsenal de utensílios da ideologia para viver o olhar' excêntrico, a pergunta, a dúvida sem resposta. A primeira face da mesma moeda chamamos de "ideologia da obra", a segunda'

de "ideologia do autor". Trata-se de uma classificação um tanto genérica com o perigo da redução simplista, pois libera a impressão de uma ideologia solitária, secreta, quando sabemos dessa impossibilidade. A ideologia é sempre compartilhada. Facilita, no entanto, a leitura da obra na medida em que consideramos a ideologia como sendo a totalidade da história da obra e autor. Por "ideologia do autor" não partimos do pressuposto de que este tenha criado uma nova ideologia ou uma anti-ideologia. Mas que sobre a ideologia e a partir dela avançou o sinal da criação, instaurou formas novas, e com a sua força superou a "ideologia da obra", desenvolveu as contradições sociais que "a ideologia da obra" ocultava, restaurou a ponte da "consciência desgarrada".

Vamos dedicar um momento a Euclides da Cunha e constatar dessa ambiguidade. Mas não pretendemos "dialeticamente" desnudar o autor em suas contradições e fraquezas. Não é pretensão nossa perseguir a idéia de fonte última do saber e dissecar Euclides. Mesmo porque dissecar é quase sinônimo de fragmentar, e esta moda é propriedade de nossos textos didáticos que no afã sem medida de exaltar o autor, fragmenta-o ocultando o que ele tão ardentemente pretendeu revelar.

P A R T E I I

COLHENDO UM EXEMPLO: EUCLIDES DA CUNHA OU A ARTE DA
LINGUAGEM TRAÍDA

COLHENDO UM EXEMPLO: EUCLIDES DA CUNHA OU A ARTE DA LINGUAGEM TRAÍDA E OU A ARTE DAS IDÉIAS FORA DE LUGAR E OU A HISTÓRIA DE UMA CONSCIÊNCIA DESGARRADA E INFELIZ E OU A ARTE DE UMA IDEOLOGIA DESCARTÁVEL E OU A ARTE A IDEOLOGIA DO CONFLITO E OU TUDO ISSO AO MESMO TEMPO E ... OU COMO QUEIRAM.

Fala-se muito de um dualismo na obra de Euclides da Cunha. Preferimos, no entanto, colocar esse dualismo na perspectiva de uma ideologia da obra e de uma ideologia do autor que acaba, a nosso ver, por situar e explicitar esse dualismo e como o problema da práxis cultural na obra de arte também ocorre.

Uma incursão no sentido de distinguir a ideologia da obra da ideologia do autor, tomando como exemplo Euclides da Cunha, nos remete para uma tentativa prévia de compreensão da ideologia tal como ela se caracterizou nas condições históricas do Brasil no século XIX.

Talvez três modos de pensar facilitassem melhor o que pretendemos:

1. a ideologia que predominou no século XIX tem um nome: ideologia do colonialismo;

2. essa ideologia é alimentada pela atitude evolucionista que resultou da convergência da biologia (Darwin) e da sociologia (Spencer); e

3. a crença na função educativa da literatura que poderia ser vista como a única instituição viva a serviço da formação dos quadros dirigentes (juristas, médicos, engenheiros) num país em formação.

O primeiro modo de pensar procura indagar em que condições objetivas e históricas do momento possibilitaram o surgimento dessa ideologia e a que grupo social ela servia. A partir dessas condições, a ideologia do colonialismo é resultado de uma intensa e longa partilha do mundo em função do desenvolvimento industrial. As novas metrôpoles deveriam forjar um novo tipo de domínio sobre as novas colônias, porque estas, uma vez independentes politicamente das antigas, não iriam submeter-se tão facilmente sem a adesão, a persuasão, o comércio de influências, promessas, pressões, etc. Não era mais possível, sobretudo no Brasil, o controle direto, a repressão aberta, como o faziam as antigas metrôpoles. Uma vez mantida a estrutura colonial de produção, um novo tipo de domínio implicaria organizar. Nesse sentido, cabe sobretudo! conquistar a camada culta da população -

"para aceitar a submissão econômica, atribuindo-a a fatores não materiais: supremacia de raça, superioridade de clima, superioridade de situação geográfica, que predestinavam as novas metrôpolis.

A transplantação cultural, isto é, a imitação, a cópia, a adoção servil de modelos externos, no campo político como no campo artístico, deriva de tudo isso: é a forma como penetra a ideologia do colonialismo. Os povos subordinados não a escolhem por um ato de vontade. São naturalmente conduzidos a recebê-la porque, ao mesmo tempo que justifica a supremacia de nações colonizadoras, justifica, internamente, a supremacia das classes que se beneficiam da subordinação, associando-se às forças econômicas externas que a impõe." (1)

(1) - Nelson Werneck Sodré - História da Literatura Brasileira - Ob. cit., p. 124

O segundo modo de pensar e que alimenta a ideologia do colonialismo, é respaldado na atitude evolucionista e poder ser descrito resumidamente da seguinte maneira: um profundo interesse em compreender o mundo e tudo o que ele contém, na perspectiva evolucionista, predominou e impregnou todo o pensamento na maior parte do século XIX. A idéia de mudança e desenvolvimento, de evolução e progresso, é acrescida o interesse pela história, pela evolução do homem. Os melhores deveriam vencer, os mais fracos deveriam perecer como fenômeno natural da própria evolução das espécies. Quando Euclides da Cunha relata a Guerra de Canudos, como um acontecimento histórico que assinalou "sintomaticamente" como o primeiro assalto dos homens do litoral (superiores) aos homens do sertão (inferiores), tinha como quadro teórico de interpretação histórica, a idéia de evolução das espécies. Era a ideologia do colonialismo que "ajudava" a esclarecer e a justificar a derrota de uma raça inferior. A exploração econômica ficava descartada, e aliás nem se cogitava nessa hipótese.

"A idéia de evolução espalhou-se largamente como a maior e a mais sedutora das crenças românticas. É o novo ideal científico, a noção revolucionária do século, cuja presença é constante na sua vida intelectual e nas crenças dos homens. A sociedade foi encarada, sob o influxo da biologia, como um organismo composto de cédulas em funcionamento harmônico e obedecendo às leis biológicas de crescimento e morte." (2).

(2) - Afranio Coutinho - Introdução à Literatura no Brasil

Toda essa visão do mundo parece se encaixar como uma luva no momento histórico caracterizado pela "evolução" industrial, em que o país mais forte, alcançou esse estado pelos seus "méritos" próprios: raça superior, clima e ambiente físico propícios etc. Nenhuma alusão, pelo menos no Brasil, é feita em relação à expansão do capitalismo como uma nova forma de exploração e dominação. Quanto muito o que se poderia dizer naquela época - como o fez Euclides - é que estávamos condenados à civilização, ou progrediríamos ou morreríamos todos. Ou aceitávamos o imperativo da evolução das raças fortes sobre as fracas, ou então seja o que for. O capitalismo já matava a cobra e escondia o pau .-

Quanto à crença na função educativa da literatura, dois fatores se combinam: em primeiro lugar, o predomínio das ciências sociais sobre as ciências físicas fornece material muito mais fascinante para as elucubrações literárias que científicas; em segundo lugar, as condições muito pobres de vida material da sociedade brasileira destacavam o papel do escritor - e do imperialismo da palavra escrita - como a única fonte segura de saber e de formação dos nossos quadros dirigentes. Machado de Assis, embora originário da camada pobre da população, não é o escritor solitário, é o fundador de nossa Academia de Letras e seu primeiro presidente; José de Alencar é o eterno postulante a Senador; Rui Barbosa é ministro e embaixador, assim como Joaquim Nabuco, Castro Alves é o abolicionista-jurista; Euclides da Cunha é o engenheiro andarilho; Lima Barreto é o funcionário público preocupado em compreender e salvar seu país na procura de um perfil nacional etc. Não são escritores politicamente alienados, porque embora influenciados pela "ideologia do colonialismo", serviam-se da

ciência de seu tempo ora para ironizá-la (como o fez Machado de Assis) ora para combater a dura armadura da visão religiosa do mundo que permeava a nossa educação.

Face a esse sentimento de escritor-missão que impregnava as idéias de nossos escritores, e sobretudo isso ficou muito nítido na atitude de Euclides da Cunha, é que podemos compreender o caráter antinômico de sua obra a tal ponto de hoje falarmos de uma ideologia da obra e de uma ideologia do autor. De uma ideologia da obra enquanto escritor que veicula a ideologia dita do colonialismo com as teorias que a alimentam, ajudam a explicar e a justificar as crises e vicissitudes de seu mundo; a ideologia do autor enquanto é possível perceber, para além da sociologia e de suas teorias, o homem reticente, cheio de dúvidas, amargo, esperançoso. Há um artigo de Antonio Cândido sob o título Euclides da Cunha Sociólogo, publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 13.12.1952, o qual vale a pena indicar aqui um trecho, embora longo, mas que dá elementos para uma compreensão da ideologia do autor.

"Muito mais que sociólogo", escreve Antonio Cândido, "Euclides da Cunha é um iluminado. As simplificações que operou, na síntese das grandes visões de conjunto, permitem-lhe captar a realidade mais profunda do homem brasileiro do sertão. Por isso há nele uma visão por assim dizer trágica dos movimentos sociais e da relação da personalidade com o meio físico e social. Trágica no sentido clássico de visão-agônico, em que o destino humano aparece dirigido de cima. O homem euclidiano é o homem dominado pelas forças telúricas,

engolfado na vertigem das correntes coletivas, -
garroteado pelas determinações biopsíquicas: e,
no entanto, elevando para pelejar e compor a vi
da na confluência dessa fatalidade. Semelhante'
visão não se confunde com o mecanismo de muitos
deterministas de seu tempo ou anteriores a ele.
Em Ratzel, ou em Buckle, não há tragédia, há jo
go mútuo quase mecânico entre o homem e o meio.
Em Euclides, porém, seu discípulo, podemos fa -
lar de sentimento trágico, porque nele os determin
nantes do comportamento humano, os célebres -
fatores postos em foco pela ciência do século -
XIX, são tomados como as grandes forças sobrenatu
rais, que movimentam as relações dos homens -
na tragédia grega. Só o compreenderemos, pois, -
se o colocarmos além da sociologia porque de al
gum modo subverte as relações sociais normalmente
discriminadas pela ciência, dando-lhes um -
vulto e uma qualidade que, sem afogar o realismo
da observação, pertencem antes à categoria -
da visão."

As considerações de Antonio Cândido, portanto, se situam
para além de um julgamento doutrinário e visam sobretudo perceber
o autor Euclides "de mal" com as ideologias de sua época e
de bem com as contradições. Vamos caminhar um pouco pela obra -
de Euclides da Cunha apenas o suficiente para perceber "essas -
contradições" sem a preocupação por uma ordenação em termos cro
nológicos de seus escritos.-

Em vez de falar especificamente de Os Sertões ou de Contrastes e Confrontos ou de À Margem da História, falemos de sua obra. Evitamos o risco de fragmentar seu pensamento perseguindo apenas o autor e aquilo que ficou de mais significativo e que não é monopólio de uma única obra. Insistimos que nas indicações a seguir não há uma nítida linha entre o que convecionamos chamar de ideologia da obra e ideologia do autor. Percebemos, no entanto, que na primeira postura Euclides está mais preso e convencido da importância da teoria; na segunda, Euclides se solta, torna-se amargo, vibra, recua, duvida, retrata e retrata-se a si mesmo.-

As indicações seguem dois níveis: no primeiro uma série delas onde é mais solta ideologia do autor sem preocupação em se trair ou contrapor à ideologia de sua obra. No segundo nível nos preocupamos em contrapor a ideologia da obra com a ideologia do autor.-

Vamos perseguir o primeiro nível:

"Somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política, Vimos , de um salto, da homogeneidade da colônia para o regimen constitucional: do alvarás para as leis." (3)

"Assim, a nossa evololução, por ser estritamente política, era problemática." (4)

(3) - E. Cunha, obr. cit., vol. I, p. 338

(4) - Idem - p. 335

"O espírito nacional reconstruía-se pelas cimalthas, arriscando-se a ficar nos andaimes altíssimos luxuosamente armados. Os novos princípios que chegavam não tinham abrigo de uma cultura"(5)

"... apresentamos o quadro de uma desordem intelectual que depois de refletir-lhe no disparto de não sei quantas filosofias decoradas, nos impôs. na ordem política, a mais funesta dispersão de idéias, levando-nos aos saltos e ao acaso, do artificialismo da monarquia constitucional para a ilusão metafísica da soberania do povo ou para os exageros da ditadura científica; ao mesmo passo que na ordem artística íamos dos desfalecimentos de um romantismo murcho, às demasias de um falso Realismo, que era a pior das idealizações, porque era a idealização dos aspectos inferiores da nossa natureza." (6).

"Destarte, insulados no país vastíssimo em que se perdiam, os nossos patrícios de há cem anos tinham frágeis laços de solidariedade. Distanciava-os o meio; isolavam-nos destinos divergentes separavam-nos profundamente as discordâncias étnicas." (7)

"Era o crescente desequilíbrio entre os homens' do sertão e os do litoral. O raio civilizador refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos.

(5) - Idem, ob. cit., vol. I, p.210

(6) - Idem, ob. cit., vol. I, p.217

(7) - Idem, ob. cit., vol. I, p.328

O maciço de um continente compacto e vasto talha
va uma fisionomia dupla à nacionalidade nascente.
Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do
mar, restariam, ameaçadores, afeitos às mais di-
versas tradições, distanciando-se do nosso meio
e de nosso tempo, aqueles rudes patrícios perdi-
dos no insulamento das chapadas. Ao "cabano", se
ajuntariam no correr do tempo o "balaio", no Ma-
ranhão, o "chimango", no Ceará, o "cangaceiro",
em Pernambuco, nomes diversos de uma diátese so-
cial única, que chegaria até hoje, projetando
nos deslumbramentos da República a silhouette trã-
gica do "jagunço"... " (8)

"Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou
mesmo em português. Vivemos em pleno colonato es-
piritual, quase um século após a autonomia poli-
tica. Desde a constituição das frases ao seriar'
das idéias, respeitamos em excesso os preceitos'
das culturas exóticas, que nos deslumbram - e
formamos singular estados de consciência, aprio-
ri, cegos aos quadros reais da nossa vida, por
maneira que o próprio caráter desapareceu-nos, '
folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou
amortecem, as arestas originárias." (9)

"Acabou-se o tipo tradicional do herói transfigu-
rado pela desfortuna ; do herói importuno e tris-
te; do herói que pede esmola ou morre escaveira-
do e tiritante, passando das palhas de uma

(8) - Idem, ob. cit., vol I, p.351

(9) - Idem, ob. cit., vol I, p. 452

exerga para o mármore dos pantheons. Não mais Camões e Belisários...

Rompe o herói político, esplendidamente burguês; o herói que faz o trust do ideal; o herói que aluga a glória e que, antes de pedir um historiador, reclama um empresário."(10)

Em todas estas citações dá para perceber muito bem um Euclides da Cunha preocupado com um discurso político da sociedade. Se Euclides vivesse hoje o "enquadraríamos" como o ideólogo da superestrutura, voltado mais para compreender a consciência dos homens do que os mecanismos que geram essa consciência.

De posse dessa consciência-Brasil ele procura descrever o que vê e sente. Está muito mais preocupado com uma ideologia cívica - profeta da salvação ou de uma missão educativa do que assimilar teorias a serem confirmadas no trato com a realidade. O seu Brasil-problema, visto pelo olhar de sua ideologia cívica, é pobre, mas segundo Euclides

"seremos em breve uma componente nova, entre as forças cansadas da humanidade." (11)

E que o leva a rematar com uma análise de otimismo no Brasil:

"Somos uma raça em ser. Estamos ainda na instabilidade característica das combinações incompletas. E nesses desequilíbrios inevitáveis o que desponta na nossa palavra - irresistivelmente ampliada - parece-nos, às vezes, ser o instinto, ou a intuição subconsciente, de uma grandeza futura incomparável.

(10) Idem, ob. cit., vol I, p. 204

(11) Idem, ob. cit., vol I, p.252

Eu poderia recitar-vos um sem conto de trovas sertãneas, onde as metáforas e as alegrias, e até as antíteses, se acumulam, alguma vez belíssimas, e denotam e fulguram, sempre a delatarem por uma amplificação, o eterno aspirar por um engrandecimento; uma afetividade indefinidamente avassaladora e crescente.

E não já nas quadras, em que os bardos receios' têm o estimulante dos desafios recíprocos, senão na trivialidade do falar comum, exprimindo os atos mais vulgares, desde o nosso caipira, que, ao procurar em qualquer cômodo exíguo um objeto, nos diz, num largo gesto, que está campeando, como se o rodeassem os sem-fins dos horizontes vastos; até ao cabra destabocado do norte, que ao relatar o incidente costumeiro da dispersão de uma ponta de gato na caatinga, brada, estrepitosamente, que o boiadao estourou num despotismo rimbo **bando** no mundo ..." (12)

Caracterizariam todas estas indicações a ideologia do autor?

Parece que sim.

É certo que essa ideologia do autor e ou antes, essa ideologia cívica do autor, é o que vai permear e predominar em toda a sua obra. Ele é sempre o humanista, o idealista irreverente que de vez enquanto escorrega nas teorias "cientificistas" da época, no "geografismo" determinista para voltar e se recompor com a sua própria maneira de sentir e ver o mundo. Vejamos, ao longo de sua vida, alguns trechos de suas cartas a seus amigos:

(12) - Idem, ob. cit., vol. I, p. 430

A *Julio de Mesquita*:

"Apesar de uma mocidade revolucionária sou um tímido. Assusta-me qualquer conceito dúbio ou vacilante". (13)

A *João Luiz Alves*:

"Por aí vês que a minha atividade intelectual agora converge toda para os livros práticos ' deixando provisoriamente de lado os filósofos, comte, o Spencer, o Huxley, etc. magníficos ' amigos por certo mas que afinal não nos ajudam, eficazmente, a atravessar esta vida cheia de tropeços e dominada quase que inteiramente! pelo mais ferrenho empirismo". (14)

A *Afonso Arinos*:

"Realmente, cada vez mais me convenço que essa deplorável Rua do Ouvidor é o pior prisma por onde toda a gente vê a nossa terra". (15)

A *Alberto Rangel*:

"Recebo sempre os teus cartões postais, gentilíssimos e breves, e tão sinceramente admirativos ante os encantos do Velho Mundo.

Mas penso com tristeza, que elas te estejam ' apagando na alma a lembrança da nossa rude e formosíssima terra. Precisas reagir, contra a feitiçaria da Velha toda ataviada de primores' e que, afinal, não vale a nossa Pátria tão cheia de robusta e esplêndida virgindade."(16)

(13) - Idem, ob, cit., vol. I, p. 601

(14) - Idem, ob. cit., vol. I, p. 606

(15) - Idem, ob. cit., vol. I, p. 638

(16) - Idem, ob. cit., vol. I, p. 640

A Francisco Escobar :

"Sou o mesmo romântico incorrigível. A idealização submeto-a aos estudos mais positivos, envolvo-a no cilício dos algarismos, esmago-a - ao peso das indagações as mais objetivas e ela revive-me, cada vez maior, e triunfante." (17)

A Agustín de Vedia :

"Pede-me que lhe mande Os Sertões, mas preciso dizer-lhe antes que não o envie espontaneamente porque este livro bárbaro de minha - mocidade, monstruoso poema de brutalidade e - de força, é tão estranho à maneira tranquila' como considero hoje a vida, que a mim mesmo - às vezes custa estendê-lo." (18)

A Otaviano Vieira :

"A pobre humanidade é frágil, e para os seus' juízos despropositados e injustos resta-nos a instância superior da consciência, que real - mente nos absolve ou condena." (19)

E em outros momentos de sua obra comenta:

".... mesmo na esfera aparentemente seca do - mais estreito racionalismo, se nos faz mister um ideal, ou uma crença, ou os brilhos nortea - dores de uma ilusão alevantada, embora eles - não se expliquem, nem se demonstrem com os re cursos da nossa consciência atual." (20)

(17) - Idem, obr. cit., vol. I, p.

(18) - Idem, obr. cit., vol. I, p. 695

(19) - Idem, obr. cit., vol. I, p. 713

(20) - Idem, obr. cit., vol. I, p. 384

Referindo-se à Amazonia:

"A inteligência humana não suportaria, de imprevisto, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la." (21)

Essaraneira de ver e sentir o mundo era reforçada, como vimos, pela idéia que se herdou do período romântico de que o escritor desempenhava o papel de educador, cumprindo uma missão educativa. A ausência no país de instituições científicas que atendessem às nossas necessidades, servissem de resguardo de cultura às importações de idéias e fornecessem instrumentais teóricos para uma melhor interpretação e encaminhamento de nossos problemas, tornou o escritor a única "instituição viva", disponível. Os escritores porque estavam de posse da palavra, estariam de posse do saber e conseqüentemente de posse do poder de orientar as gerações do futuro. A ideologia do autor, portanto, era alimentada por essa paideia do livro ou por esse clube de mestres espirituais responsáveis por unir os frágeis laços espirituais do novo mundo.

E é isso que vamos perceber também na chamada ideologia da obra - ideologia de segundo nível - , a saber, na ideologia que talvez pudéssemos mais adequadamente dar o nome especial de ideologia do conflito, com a sua conotação mais ou menos evidente para um escritor de missão. "Ideologia do conflito" porque na esteira de todo arcabouço teórico que ela traz evolucionismo, positivismo, ambientalismo, etc - o homem Euclides contrapõe sempre a visão do artista de missão ao

teórico preso à armadura do aprendiz andante de teorias originadas de uma ideologia anti-nacional. O que acontece é - que felizmente essa ideologia do conflito não consegue abafar a e se sobrepor à ideologia do autor: as virtudes artísticas predominam sobre as virtudes científicas. A ideologia do autor não se anula face à ideologia da obra. A ideologia da obra Os Sertões procura provar que

" a civilização avançará nos sertões impedida - por essa implacável "força motriz da História".(22)

e que

" o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas"(23)

e embora constituia para ele uma observação incômoda, mesmo - assim afirma que

" a mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto a influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extrema é um retrocesso. O indo-europeu, o negro' e o brasílio-grarani ou o tapuia, exprimem estágios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre abliterar as qualidades preeminentes' do primeiro, é um estimulante à revivescência - dos atributos primitivos dos últimos. De sorte' que o mestiço - traço de união entre as raças , breve existência individual em que se cumprimem

(22) - Idem, obr. cit., vol. II, p. 93

(23) - Idem, ibidem.

esforços seculares - é, quase sempre, um desequilibrado". (24)

Mas essa ideologia da obra esbarra com a ideologia do autor e é fácil "flagrar" Euclides em suas contradições.

Quando ele fala da terra ele quase a humaniza:

"A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastio das escarpas; e que alcança, como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos - do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle - que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina". (25)

Não tem dúvida em dizer, quase em forma de grito e de canto, que

"O sertanejo é, antes de tudo um forte".(26)

E que diante do drama da seca o sertanejo

"Então se transfigura. Não é mais o indolente incorrigível ou o impulsivo violento, vivendo às disparadas pelos arrastadores. Transcende a sua situação rudimentar. Resignado e tenaz, com a placabilidade superior dos fortes, encara de fito a fatalidade incoercível; e reage. O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surge de uma luta que ninguém descreve - a insurreção da terra contra o homem." (27)

(24) - Idem, ob. cit., vol III p. 166

(25) - Idem, ob. cit., vol II, p.96

(26) - Idem, ob. cit., vol II, p.170

E como humanista juramentado proclama este auto-de-fé e esperança:

"Quando voltarem vitoriosos as forças que ora convergem aqui - completemos a vitória. Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor:

O mestre-escola." (28)

Por caminhos diferentes, mas tendo o mesmo endereço que o nosso, Nelson Werneck Sodré escreve que "existe em Euclides um dualismo singular, de que os seus livros estão pontilhados; enquanto observa, testemunha, assiste, conhece por si mesmo, tem uma veracidade, uma importância, uma profundidade e uma grandeza insuperáveis; enquanto transmite a ciência alheia, ainda sobre o que ele mesmo viu, testemunhou, assistiu, conheceu, descai para o teorismo vazio, para a digressão subjetiva, para a ênfase científica, para a tese desprovida de demonstração. Vai a Canudos, presencia a luta tremenda que ali se trava, e transmite ao seu Diário as impressões indelêveis, honestas, exatas - o sertanejo é um titã. Volta de Canudos e arma-se de bagagem teórica para fazer do rascunho um livro, e apenas traduz as teorias alheias, enfatizando-as e o sertanejo é uma sub-raça, e o cruzamento é um desastre genético" e etc., e mais adiante comenta o mesmo autor,

(28) - Idem, *obr. cit.*, Vol. II, p. 508

"depois da introdução sobre o meio físico e sobre o meio humano, em que tais teses se expandem - descreve, com um vigor épico, as maravilhas dos sertanejos, a sua áspera noção de honra, a sua bravura, e sua inteireza, a sua resistência, porque transmite o que viu, o que assistiu, o que testemunhou." (29)

No episódio da guerra de canudos - tema central da obra Os Sertões - Os fatores recônditos de tal conflito ficaram en cobertos pela dura armadura da própria ideologia da obra. Canudos foi uma rebelião de camponeses, um conflito entre opri midos e opressores, entre fazendeiros e escravos, entre a cidade e o campo, e cujos cordéis manipuladores do conflito extrapolavam a própria realidade sócio-econômica local, para estarem ligados ao processo de desenvolvimento das sociedades industriais que envolvia a partilha do mundo entre coloni zadores e colonizados, entre fabricantes e compradores - numa palavra: entre os destinatários da sociedade industrial e aqueles que chegaram atrasados ao seu banquete.

Mas o que importa concluir é o seguinte:

1. O artista Euclides superou o técnico em teorias. A sua lin guagem forte e bela traiu a ideologia da obra colocando-a num plano de segunda mão.
2. Não há porque concluir que Euclides da Cunha tenha sido um escritor ideologicamente alienado. Ele explorou a ciência do seu tempo e a ciência do seu tempo foram o positivismo de comte, o evolucionismo de Spencer, o ambientalismo de Taine etc.

(29) Nelson Werneck Sodré, in Euclides da Cunha

A ciência de seu tempo foi o seu meio de auto-consciência que não anulou a sua percepção de realidade e nem serviu de anteparo para mistificar as mazelas de sua denúncia. Seguir a ciência de seu tempo era até uma posição bastante avançada para a época num país onde predominava uma economia centrada no braço escravo e onde uma incipiente burguesia ensaiava suas primeiras tentativas de organizar-se como força política e romper o marasmo de um país atrasado culturalmente e dependente em termos econômicos. A síntese de todas as teorias da época simbolizada pela postura cientificista constituía uma nova forma de utopia que "descolou as bases da experiência do plano estático para o plano educacional." (30). Reafirmamos o que já escrevemos em outro lugar: a função da grande obra é desocultar aquilo que a ideologia tenta ocultar e o que mais curioso-deixar "no mato sem cachorro" a ideologia da qual ela se serviu.

3.-Os estudos de literatura em nível de sala de aula - como iremos tratar - têm como endereço o reforço dos estudos da sintaxe e da gramática. Numa palavra: predomina a visão esteticista da obra de arte. Sabemos, no entanto, que a linguagem da obra de arte embora se inicie de uma realidade historicamente redutível, ela não o é por um único e exclusivo motivo; ser obra de arte. A partir daí se instaura um paradoxo: é possível ensinar modelos do bom escrever a partir de uma realidade irreduzível? Partindo do pressuposto que fosse possível, seria um objetivo desejável forjar pessoas que, por exemplo, escrevessem à moda de Euclides da Cunha?

(30) - K.Mannheim, Ideologia e Utopia, Rio de Janeiro,

Seria no mínimo ridículo para não dizer trágico. Não queremos concluir que as tentativas de estudo da redução da obra de arte devam ser abandonadas a fórmulas que auxiliem sua compreensão, e nem concluir de modo radical que uma obra de arte na deva ser lida e apreciada tendo em vista que ela não se reduza a esse objetivo. Não entramos no mérito desse esforço que sempre algum resultado positivo adiciona à compreensão da obra de arte. O fato é que a tendência sempre predominante de reduzi-la a seus aspectos de representação do belo rouba o único objetivo que talvez valesse trabalhar: estudar a literatura como um fenômeno de cultura historicamente analisável - por responder a necessidades específicas de conhecimento do mundo e de sua transformação. Não há textos literários que sobrevivam a reboque do real, eles emergem de uma parte da totalidade de uma realidade histórica. Vimos um exemplo em Euclides no conflito de uma ideologia da obra e de uma ideologia do autor. Euclides superou a prática fragmentária de tratar o real pela força irredutível de sua obra de arte.

Mas e o intérprete que não tem o aliado da arte e quer entender de arte?

E o professor de literatura em nível de sala de aula?

Que-fazer?

P A R T E I I I

A LITERATURA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

E o poder de uma classe, sobretudo no Brasil, embora contenha cisões, conflitos e contradições internas, pois (mal ou não) a hegemonia ideológica da burguesia está há muito tempo sendo - ameaçada pela organização da classe obreira, ela encontra um jeito de não ceder certas zonas de sombra de seus domínios - - pelo menos aqueles essenciais à manutenção de seus privilégios. Um desses domínios é o domínio sobre a escola, que constitui um sortido arsenal de utensílios ideológicos a seu serviço - em especial, dentro da escola, o sortido arsenal da literatura e o seu mecanismo de ensino. É evidente que não é apenas por meio da escola e na escola que a classe dominante' faz sentir o seu controle e uso do fenômeno literário. Esse - domínio é muito mais amplo e muito mais sutil; extrapola os muros da escola. Há, em primeiro lugar, o domínio diretamente econômico: as condições de vida dos escritores, submetidos a' maioria deles às condições limitadas de intelectuais de reserva da burguesia; as casas editoras que não programam livremente o que desejam divulgar, mas o que as leis do mercado impõe (A educação no Brasil hoje se encaminha perigosamente para - ser ditada por critérios empresariais das casas editoras) E - há os domínios ideológicos diretamente perceptíveis: os critérios de ingresso de escritores na Academia Brasileira de Letras reservados muitas vezes a intelectuais políticos do - sistema de poder é um dos exemplos mais em moda; as condições de pressão econômica em que vive o professor é outro exemplo, bloqueador de tal forma que este não consegue se opor ao esquematismo vazio de conteúdo dos coloridos livros didáticos - que a ideologia oficial permite chegar às crianças e adolescentes.

Lições do tipo "perguntas e respostas" fragmentam então um tipo de conhecimento que só tem sentido quando apreendido' em forma de processo.-

Acrescentariamos ainda aquelas condições menos nucleares da questão ideológica, mas que indiretamente ajudam a classe dominante a manter uma certa correção e controle' sobre o ensino de literatura de um modo particular, e sobre o fenômeno literário de um modo geral: a falta de verba para manter a escola pública tornando-a caixa de vidro de nossas mazelas sociais modela apenas um público iletrado - ou' aquele que lê mas não interpreta o que lê; a carência quase total de bibliotecas nas escolas restringe o "ofício" literário a alguns "salvos das águas" do infortúnio e aumenta - ainda mais a imagem de mistério da literatura como uma forma de conhecimento privilegiado do mundo. E seria importante que se pensasse aqui que a literatura não é conhecimento privilegiado do mundo por ser conhecimento, mas por ser forma privilegiada de instrumento dos mecanismos de dominação. Por ser palavra, por ser comunicação e leitura do mundo, que seja uma leitura que não implique em ameaça ou desmonte desses mecanismos, mas a serviço deles. É isso que ainda nos leva a pensar que um estudo da ideologia tal qual ela se articularia no discurso sobre a literatura, não deva se restringir apenas ao discurso, mas também ao fenômeno literário. (Estamos sempre numa corda bamba quando tratamos da ideologia) Com isso não queremos ter a pretensão de reduzir o fenômeno literário aos "códigos" servis da ideologia e explicar o busilis, mas enveredar - por meio talvez de outra - aventura para a questão da autonomia relativa do fenômeno literário. Por enquanto fica a dúvida e a constatação:

O "mistério irredutível" do fenômeno literário deixa margem a algum saber? Para os interesses de classe dominante que permaneça apenas o mistério, mesmo porque o mistério é fundamental para a sobrevivência da própria ideologia.

Fenômeno literário ou discurso sobre a literatura, o fato é que a "literatura constitui o território estratégico onde circulam sem crítica - as idéias -forças da burguesia" (2)

A LITERATURA E A PRÁTICA DOCENTE

Um esclarecimento prévio necessário: os manuais de literatura folheados por nós todos do período que vem de 1976 aos nossos dias. A data escolhida é importante a nosso ver porque foi nesse ano que se desfez a Equipe Técnica do Livro e Material Didático da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e nenhum controle e orientação oficial sobre o livro didático passaram a ser exercido. O livro didático ingressou na etapa da sociedade de consumo, na era do livre comércio entre editores e professores, ocorrendo mesmo algumas acusações por parte de livrarias distribuidoras de que muitos professores se tornaram "camelôs de cultura didática" nesse suspeito jogo de perdas e ganhos.

Desde 1976, portanto, os livros didáticos vêm sendo livremente comercializados. Se for perguntado às autoridades educacionais quais as melhores obras que estão servindo para educar os estudantes paulistas (e de outros Estados), não haverá respostas. Ela terá de ser dada pelos professores, que apontarão não apenas um, mas um sem número de livros para as várias séries do 1º e 2º graus. O professor é

(2) - France Vernier, L'écriture et les textes, ob. cit.,

o intermediário entre os alunos e o mercado. Cabe ao professor, com a autoridade que lhe outorgou inclusive o Estado, escolher entre os vários títulos aquele que melhor lhe convém. E, seja como for, a verdade é que o livro didático (alçado pelas condições não ideais do ensino no Brasil como principal equipamento do professor) vem sendo adotado a bel-prazer com um único aval, que é do professor. Por querer evitar a imposição de livros a' professores, a Secretaria deixou ao mercado essa responsabilidade. E pode-se calcular (com base num otimismo nem sempre justificável), que os professores escolham as melhores obras e que tenham realmente critérios para adotar o melhor para seus alunos. Mas há educadores que desconfiam não ser esta a melhor maneira de resolver o problema do livro didático, e o que a Secretaria pode ter estimulado é, isto sim, o perigoso procedimento' de deixar às empresas a última palavra sobre educação.

O que importa afinal não é a semântica, mas quem é o senhor, a saber, o que importa não é propriamente a comercialização do livro didático, mas perceber que o livro didático é um problema que se insere na essência da crise da educação e da sociedade brasileira. O Brasil ingressou aceleradamente no trânsito da sociedade capitalista e "aceita" reduzir tudo inclusive a educação - no modelo da sociedade de consumo. A ideologia da classe que controla os mecanismos de produção é reduzir tudo na fria relação de perdas e ganhos, na categoria das ORT, PID, ICM, etc. O diploma, o livro didático, a "cultura" são colocados na prateleira dos super-mercados da sociedade de consumo no mesmo nível de uma roupa, um sapato ou uma bebida. Até mesmo o salário do professor é reduzido porque não constitui produto vendável prático, direto. Para a classe dominante nesse contexto histórico,

a educação não tem importância nenhuma, a não ser que ela gere lucro e que se possa ter um controle permanente de suas possíveis ameaças ao exercício de seu poder.

É certo que os livros didáticos não são de uso obrigatório, mas nas condições objetivas da educação hoje seria o mesmo que dizer a uma criança que ela não é obrigada a comer polenta, mas que é a única saída para a sua sobrevivência e para milhões de pessoas o livro didático é o único "bem cultural" em toda a sua vida. Mesmo porque temos ainda a poderosa disciplina dos vestibulares que exercem sobre o livro didático um controle do "saber", do "saber exclusivo" para a entrada nesse super-mercado. E se o aluno renuncia ao manual, ele vê agravada a seleção social imposta pelas condições de competição desigual dessa sociedade.

É nesse contexto que entra o livro didático de literatura.

Mas reservamo-nos ainda o direito de fazer uma pequena digressão no que se prende à cultura e à ideologia. Sobre a cultura, ainda em tempo, desejaríamos afirmar que esta não paira acima da política. Escamotear a realidade destes vínculos é, em si, uma arma política. Não existe cultura inocente. Toda cultura é cultura de classe. A cultura tão generosamente estimulada e promovida pelo poder é a cultura da burguesia dominante. Marx já declara em algo que ficou famoso que "o pensamento da classe dominante é, em todos os tempos, o pensamento dominante". A ideologia, como já vimos, está infiltrada em todas as atividades humanas. Existe uma ligação dialética entre ideologia e vida cotidiana: a família, a

escola, a cultura, os veículos de comunicação de massa são meios de coerção ideológica. Althusser diz que a cultura transmitida pela escola e pelos veículos de comunicação de massa é uma das formas de ação ideológica sobre o povo.

"Os aparelhos ideológicos funcionam na base da adesão, consentimento, persuasão, sedução, pres são, educação, formação, hegemonia"

"O conjunto do aparelho de Estado procura produ zir indivíduos que aceitem voluntariamente ou não o Sistema."

Ao lado do Estado policial está o Estado educador, já disse Gramsci.

Ora, voltando ao livro didático, o que percebemos de um modo geral é que a "cultura oficial dominante" defende - uma literatura clássica ou moderna, mas sempre agradável, - tranquilizadora, decorativa, e que "ajude" o aluno a escrever sem erro a sintaxe ou a ortografia, a indicar as datas' das obras "principais" e a biografia de seus autores e o que é importante - se prepare para ser um bom consumidor de "bens culturais". A "cultura" literária apresentada nesses - livros didáticos é apreendida num sentido transcendente de desenvolvimento espiritual. O Estado é visto como encarnando o interesse de toda a sociedade e pairando acima das - classes. Embora sua ação cultural seja bastante precária, - ela é calcada nos modelos importados dos grandes centros. Aqui é preciso que uma classe média recém-surgida adquira - informações culturais que lhe permita transformar-se em con sumidores da incipiente indústria de bens culturais - qua - dros, discos, filmes e como "vestibular" para ingressar nes sa sociedade de consumo - o livro didático.

Trabalhando, sem o perceber, para escamotear essa realidade, o professor de literatura é, antes de tudo, um professor de civilização, de cultura, e o escritor, como nas estórias em quadrinho, é o seu herói-civilizador. A noção de literatura' comumente aceita é aquela que prima por certos ideais estéticos acima de qualquer suspeita. A semana de Arte Moderna de Vinte e Dois ainda não entrou nas escolas e se algum escritor pôs Vinte e Dois é aceito, isto porque ele continua na esteira machadiana ou alencarina daqueles ideais estéticos. Graciliano Ramos é lido porque é o nosso "Machado de Assis - de os sertões"; Lima Barreto é veladamente ignorado porque, segundo consta, é mal na sintaxe mesmo sendo um escritor da época de Machado. Euclides da Cunha é o nosso monumento literário, autor de nossa bíblia da nacionalidade - Os Sertões - enquanto visto apenas pelo aspecto estético, pela beleza suprema da palavra que parece cunhada em pedra. Os aspectos sociais e humanos são veladamente evocados. Guimarães Rosa - outro - grande retratista do Brasil, fica entregue ao gosto' de alguns iniciados privilegiados.

A força da ideologia dominante, já na escola primária, intervém decisivamente forjando seus instrumentos de dominação. A idéia implícita da literatura na escola primária é ainda a de uma "reserva" de modelos fora do tempo: os escritores não intervêm senão a título de referência, como exemplo, sem história, - modelos de bem-dizer e do bem-pensar. Castro Alves, Cecília Meireles, Rubem Braga são num mesmo saco e a um mesmo tempo, os nossos "santinhos" de parede, os amiguinhos ocultos que "ajudam" a balizar nossas ações. Os textos parecem muito mais uma introdução ao sagrado, pela exaltação do escritor, pelo "texto definitivo", pelo seu caráter desvinculado, pela sua

valorização ao espiritual. Tendem a ser um estatuto uniforme, feito objeto de museu - o museu imaginário do manual na linha de um idealismo estetizante.

Na escola de 2º grau, face a um alunado mais diverso e mais "adulto", a história já aparece e, no entanto, muito mais para dizer que os escritores foram sobretudo escritores, que viveram determinado tempo, pensaram isto e aquilo. A história existe porque os grandes escritores a tornaram possível em vez de servir de meio para se saber em que se encarna essa noção de literatura, e se interrogar sobre de onde ela procede e sobre o que se assenta. Os textos "desfilam" uma periodização arbitraria cujas consequências são de grande peso ideológico. Passa-se de um século a outro como se passa do 1º ao 2º andar de um edifício - por um elevador fechado. Os textos projetam sobre a história o reflexo de curso no qual ele se insere e a "história da literatura" não pode aparecer senão como uma imagem de progressão homogênea e contínua de cursos de estudos. Os textos selecionados são tratados como os únicos textos "leitáveis", sobretudo o das obras do passado. O texto, pelo seu caráter anônimo surge constantemente a existência de uma "boa" leitura, de uma história e leitura objetivas.

Mas cabe confirmar ou constatar tudo isso nos manuais.

A LEITURA E OS MANUAIS

A) O Turismo Cultural

Os mecanismos de persuasão ideológicos da sociedade de consumo estão explícitos nos manuais de literatura. Não é necessário um persistente "olhar de coruja" para desco

cobrir uma relação muito estreita entre o sistema de ensino - atual, fundado sobre uma seleção social feroz e disfarçada e os programas, exercícios e métodos impostos. Uma concepção decorativa da cultura exprime uma atividade privilegiada da sociedade industrial e poderíamos batizar de turismo cultural. Seguindo a trilha de Pierre Kuentz, o manual de literatura é construído à imagem de um grande El Dourado : o consumidor - aluno pode encontrar neste lugar todos os produtos afins' de que tem necessidade para assimilar o que precisa de literatura para fazer uma boa figura na existência. "Frequentar" um manual desse já dispensa toda outra literatura.

Não encontramos mais nas estampas dos textos didáticos o retrato de homens sisudos, circunspectos, mergulhados em - cismar profundo sobre a existência e refletindo com certeza - as condições de um mundo agrário-pastoril - um mundo estático, marmóreo, linear. O domínio capitalista invadiu esse mundo, implodiu seus valores agora "modernos", dinâmicos". Se o leitor-consumidor-aluno quiser assimilar uma concepção de modernidade em literatura - portanto, em cultura -aparece uma fotografia - de um casal na praia, descontraídos, cigarro na mão:(ver indicação nº 1 ao lado).

Os próprios autores indicados no rodapé da fotografia - recomendam no prefácio, à página 9, que:

"Sabendo que você está cansado da rotina, da informação gasta pela repetição, tivemos o cuidado de selecionar novos autores, gente de seu tempo, que usa a mesma linguagem que você". (sic)

INDICAÇÃO Nº 1

Se você disser a um trabalhador de fábrica: "Estou fazendo um curso de Cibernética", provavelmente não será entendido, porque ele, embora lide com máquinas, não sabe que a Cibernética é o campo da teoria do comando e da comunicação, tanto na máquina como no animal.

Cada função da linguagem enfatiza um tipo especial de comunicação.

- a) **FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA** — Está intimamente ligada ao emissor. Esta função aparece sempre que o emissor é o centro da comunicação. Aparece nos poemas líricos, nas narrações subjetivas.

Ah! que saudades que eu tenho
Da aurora da **minha** vida
Da **minha** infância querida
Que os anos não trazem mais
Casimiro de Abreu "As Primaveras".



Maria da Glória Sã Rosa e Albana Xavier Nogueira, Cultura,
Literatura e Língua Nacional, SP., Editora'
do Brasil - 1978

O passado é abolido em nome dos "valores supremos" do moderno, do transitório, da mudança. O homem, segundo essa concepção turística de cultura, não precisa de raízes, ele é remetido à instância do vai-na-valsas, despojado, solto, fragmentado, mas ao mesmo tempo sedento de objetos consumíveis e descartáveis. As feministas não precisam mais temer a presença de clichês tipo papai-chinelo e mamãe-cebola-feliz. Os clichês devem refletir um mundo igual, alegre. A sociedade de consumo eliminou o diverso e escamoteou o adverso, o conflito. A figura da mulher não se confina no lar, mas na rua, como garis, prostitutas, camponesas ou no out-doors de uma obra de arte (ver indicação nº 2). É a glória total da mulher que se "liberta" da situação da escrava-cebola-feliz para ingressar na era de consumo (uma outra escravidão) e do mundo colorido de seus magazines. Os mesmos autores lamentam, no prefácio, numa linguagem estranhamente pedante, como se fossem tuteladores de cultura, que

"nossos alunos não possuem um embasamento histórico, filosófico e estético para estudar, de forma abrangente, o desenvolvimento diacrônico dos estilos e épocas de nossa literatura. Soma-se, ainda, o fato de que o mundo multicolorido e estereofônico alimentam a abulia, a inércia e a passividade gnoseológica." (sic)

Mas contraditoriamente esse mundo multicolorido predomina em todo o manual. Para um total de 256 páginas assinalamos 174 clichês coloridos que retratam, lado a lado, desde o detalhe de um rosto de indígena a sorrir, a um cantor rock, os dentes

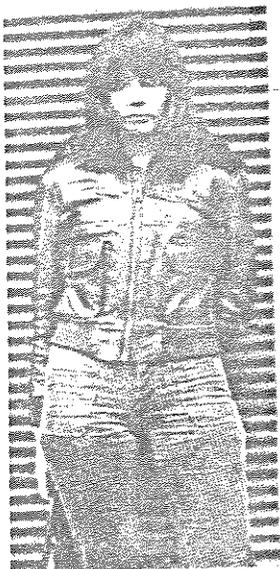


OS ESCRITORES FORAM MAIS OBJETIVOS

durante os períodos da história onde predominava o racionalismo lógico:

- a) no período CLÁSSICO, ocorrido na EUROPA no século XVI, durante o RENASCIMENTO, quando os homens promoveram o ressurgimento da cultura greco-romana com um ideal ANTROPOCÊNTRICO, ou seja, a valorização do homem, das características positivas e negativas reais do ser humano;
- b) no período NEOCLÁSSICO ou ARCÁDICO (século XVIII) que retomou as características do período clássico;
- c) no período REALISTA, onde os escritores se preocupavam em documentar a realidade.

O OBJETIVISMO
CLÁSSICO
(antropocêntrico)
ARCÁDICO
(buólico) (sic) ?
E REALISTA



de um macaco ao lado do retrato sisudo de Aluísio Azevedo.

B) - Uma Concepção Idealista de Literatura

A concepção que permeia a maioria dos manuais de literatura é idealista. O pano de fundo que provavelmente alimenta e reforça essa concepção é que, no Brasil, a literatura - constituiu "o fenômeno central da vida do espírito" (3) e de nossa formação política. Euclides da Cunha já dizia que "so - mos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política". (4) Se disséssemos "uma teoria literária", nada alteraria a sua afirmação. Por sua vez a idéia de que o fenômeno literário é irredutível a qualquer tipo de análise, - conduziu, a maioria dos autores de manual didático literário, a aceitar, sem crítica, a autonomia das idéias e valores de cultura que permeiam seus textos selecionados. Não se encaminham e nem se esforçam nesse sentido para perceber quais - os determinantes de ordem histórica e social que justificariam tal posição. A idéia irredutível do fenômeno literário se articula de imediato com a idéia de uma existência humana também irredutível : os textos constituem tanto quanto hipóteses desses valores eternos. Para garantir essa pedante burocracia do espírito, a história é excluída da literatura, que não é senão o lugar de exercícios de estilo e depende do bom-valor' plenamente consciente do escritor. (5)

O autor Odilon Soares Leme et alli, no manual Assim se Escreve Gramática ... Assim Escreveram Literatura, da Editora Pedagógica e Universitária, 1981, conceitua "literatura como

(3) - Antônio CÂNDIDO - Literatura e Sociedade, ob.cit., p.121

(4) - Euclides da Cunha - Cit. na p. 73

(5) - Aqui encaminharia o leitor para as observações de Jean-François Delgure, obra citada.

a criação de uma supra-realidade através de um processo de -
elaboração estética do texto" (p. 218)

Nenhuma indicação é feita no sentido de tornar menos vago o
que significa essa "supra-realidade" e esse "processo de ela-
boração estética". Permanece a idéia de uma literatura trans-
parente que nada tem a ver com a realidade concreta humana.

Izaías Branco da Silva e Braz Ogleari, Novo Horizonte, Com -
panhia Editora Nacional, sem data, à pág. 5, do vol. 1, bati-
za a literatura de

" a divina arte humana de escrever",

e à pág. 7 ordena 5 funções da literatura, destacando as três
primeiras como sendo:

- "Ligar mental e espiritualmente o autor
e o leitor, independentemente do lugar'
onde vivem ou da época em que viveram.
- Distrair, entreter, dar prazer ao autor
e ao leitor.
- Transportar o leitor ao mundo do sonho'
e da fantasia, fornecendo-lhe uma válvu-
la de escape para as tensões e frustra-
ções". (sic)

A ~~litera~~ literatura não é arte divina e nem fornece válvula de -
escape para as tensões e frustrações. O que ela pode é aprofun-
dar ainda mais as suas tensões e frustrações e comprometer o
homem com a sua condição. Pressupor a existência de uma litera-
tura, como a indicada pelos autores acima, é aceitar a existên-
cia de uma literatura escapista, vítrea, - uma literatura para
coisa nenhuma.

A única coisa que guarda esta posição ideológica é a própria -
idéia conservadora da literatura que retém a crença num poder
ilimitado da palavra. Num passado não muito recente o poder -
da palavra escrita era de fato a palavra do poder, de um po-
-der que girava na órbita estreita de uma elite mal letrata -
-pequenos grupos "eleitos" sedentos de literatura escapista'
capaz de justificar seu nada poder dentro do poder.

É evidente que um comentário como este não se dirige -
ao escritor, mas ao leitor. Reconhecemos a todo instante que'
a literatura é um mundo complicado. A mais rigorosa aventura'
do espírito crítico o que nos revela é mais incertezas e ambi-
guidades. Pela literatura eu nomeio a realidade tornando-a -
mais familiar, humana e próxima. Mas ela revela também a fra-
gilidade do ser que a nomeou; "dá a medida do artificial e do
provisório da relação" entre o ser e a realidade nomeada.

"Sugere o arbitrário da significação, a fragilida-
de da aliança, e, no limite, a irredutibilidade -
de cada ser. É, pois, esta linguagem instauradora'
de realidades e fundante de sentidos a linguagem'
de que se tece a literatura." (6)

Nomeá-la, portanto, de "arte divina", "supra-realidade", "fanta-
sia", é jogar poeira na possibilidade de uma melhor compreen-
são de seu valor no vasto universo da cultura humana. Torná-la
privilégio da cultura é, sem dúvida, colaborar na sua prática'
fragmentária na medida em que outras dimensões da comunicação'
humana estariam à deriva de um obscuro segundo plano. Às vezes
não são apenas os manuais didáticos que "se posicionam" assim.

(6) - Marisa LAJOLO, Que é Literatura, ob.cit., p. 37.

Encontramos também textos que parecem constituir "fontes de plenitude" do saber literário e que trabalham os mesmos lugares-comuns ao tentar conceituar literatura, como é o caso do texto Criação Literária, de Massaud Moisés, Editora da Universidade de São Paulo, co-edição com as Edições Melhoramentos e que à página 24, edição de 1967, classifica a Literatura como "a arte por excelência", e na página seguinte chama-a - "um tipo único de experiência", aquela que "caminhando antes da vida"... "vai insinuando [ao homem] os caminhos que pode e deve seguir".

Além, portanto, de um privilégio ela é também o "repertório" prenhe de cultura religiosa ... Não seria o momento de uma desconfiança radical dessa função apelativa da literatura?

C) - Os Manuais e a "Missão" Civilizadora

O professor de literatura é, antes de tudo, um professor de civilização, de cultura, e o escritor, como nas histórias dos heróis em quadrinho, é o seu herói-civilizador.

É essa a idéia geral que deixa transparecer o autor de um manual de literatura.

A questão é que o professor, a fim de que desempenhe esse papel civilizador, os manuais põem à sua disposição os frutos da cultura superior - cultura de ponta, como dizem ou chamam alguns - mas esvaziados da ideologia e da crítica - que os animava.

E como isso é possível?

Em primeiro lugar, os autores de manual confiam no -
pressuposto de que toda parte de uma "totalidade espiritual"
é expressão do todo. A obra de arte pode assim aparecer como
a combinação e ordenação de páginas imortais que recobrem um
tecido intesticial mais frágil, e que pretendem reunir a es-
sência de cada obra.-

Em segundo lugar surge a questão da biografia que tem
uma dupla função ideológica: primeiro, mostrar que o escri-
tor em seu importante papel de herói-civilizador - por mais'
adversa que se tenha situado a sua vida, venceu pelos méri-
tos próprios de sua condição de homem talentoso; segundo, se
o leitor fizer o mesmo poderá - não diria transformar num -
grande escritor - mas evitar que haja na sociedade um imbecil
a mais, ou passar a ser um consumidor passivo da arte das -
belas-letras - filho dileto e acrítico de uma arte, como dis-
semos, esvaziada de conteúdo ideológico que a animou.

Machado de Assis é o exemplo mais significativo dessa
constatação. Na maioria dos livros esse herói-civilizador é
sempre destacado como sendo

" o mestiço de origem humilde "

que

"ficou órfão de pai e mãe ainda criança",

"autodidata incansável",

"de menino de rua tornou-se o mais perfeito
prosador brasileiro" (7)

(7) - Izaías Braz, Novo Horizonte, vol. II, 2ª grau, Com-
panhia Editora Nacional, S.d., pág. 83

" Teve uma infância pobre e sua ascensão artística é fruto de uma longa e séria dedicação". (8)

" ... dedica-se a vários empregos menores a fim de ajudar no sustento da família",

E tem o fim trágico do destino dos heróis:

" ... experimenta a mágoa profunda de perder Carolina, a 2 de outubro de 1904, e principia a morrer. Sõmente a Literatura lhe ameniza a solidão irremediável." (9)

O que essa ideologia do herói escamoteia como percepção de realidade? Evidentemente as condições objetivas que propiciaram o surgimento de um Machado de Assis e a destruição, já na infância, de um sem número de outros possíveis Machados de Assis nas artes, na ciência e cultura de um modo geral. A existência de instituições a serviço de um país que tenha um projeto histórico para a educação, não importa. Se quiser vencer na vida é um bom indicador ser criança pobre, se possível filho de mulato e de lavadeira portuguesa e lutar, apenas lutar. Nessa perspectiva inclusive fica descartada a possibilidade de saber em que se encarna a noção de literatura, interrogar-se sobre de onde ela procede e sobre o que se assenta.

(8) - Douglas Tufano, Literatura Brasileira, SP, Ed.Moderna 1983, p. 76.

(9) - Massaud Moisés, A Literatura Brasileira através dos Textos, SP, Editora Cultrix, 1979, p.255

100

D) - Os textos como "ginástica mental" ou como
concepção "digestiva" do conhecimento. (10)

Dos vários textos folheados é muito difícil encontrar al
gum que não tenha adotado o teste de múltipla escolha como exer
cício para assimilação do conteúdo. Alguns chegam mesmo a ape-
lar para a "autoridade" dos testes de vestibular e trazem na
capa a indicação: Concurso Vestibular depois do título da -
obra. (11) Todos os textos são acompanhados obrigatoriamente -
pelo Livro do Professor, que traz as "respostas corretas".
A tarefa do professor nesse momento está colocada sob suspeita.
Ele é quase sempre visto como um técnico, cuja função é a de
animar o processo ensino aprendizagem para atender o que já es
tá pronto. O conteúdo de seu ensino não assume nenhuma relevân-
cia porque cabe, na relação professor-aluno, apenas a este deci
dir sobre o seu significado, medido em função da "opção voca-
cional" e da faculdade escolhida.

Os testes representam, portanto, verdadeiras "ginásti-
cas mentais". O texto, neste sentido, pode ser qualquer coisa,
nada deve representar, apenas servir de suporte para os exercí
cios. Escamoteia-se o sentido educativo e político da escola.
Instaura uma neutralidade bastante problemática porque anula o
esforço criador de educandos e professores - único sentido da
educação.

(10) - Ver Paulo Freire, A Ação Cultural para a Liberdade, Paz
e Terra, 1977, p. 44, autor desta expressão.

(11) - Ver Eliana Pimentel e Sylvia de Lossio Seibnitz, Curso'
de Português, Ao Livro Técnico S/A, 1980

Embora os editores procurem ter seu "estilo próprio", os testes de múltipla escolha acabam por nivelar a maioria dos textos. Tal qual um grande magazine de roupas jeans, a diferença - está no colorido e na disposição das vitrines, isto é, na apresentação - a roupa é sempre a mesma.

Na perspectiva dessa concepção "digestiva" de educação - os textos literários são o feijão-com-arroz e os alunos os que devem se apresentar de modo faminto (motivação), digerir o - que puder e o mais rápido possível, porque afinal o que importa é conseguir passar pelo banquete maior que é o vestibular e ingressar numa faculdade.

A literatura, esvaziada de seu caráter de veiculadora de cultura, universo que constitui um dos mais altos signos do pensamento-linguagem dos seres humanos, é transformada em mera - "cantina de signos".

Certos autores, não satisfeitos em organizar centenas de exercícios ao longo do texto, colocam em apêndice testes extraídos das mais variadas universidades e faculdades (variados pratos de variadas cantinas). Vejam, por exemplo, um dos textos - mais vendidos, o de Douglas Tufano, Estudos de Literatura Brasileira, obra citada. À página 238 escreve:

"Para familiarizá-lo com os tipos de questões mais comuns em exames vestibular, e, ao mesmo tempo, ajudá-lo a fazer uma revisão completa do programa de literatura, apresentamos, a seguir, 65 testes."

E seguem num mesmo malote testes elaborados por instituições localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, etc. ou seja vatapá, feijão-com-arroz, feijoada, churrasco, farofas de literatura e mais literatura.

Os testes de múltipla escolha são, evidentemente, os filhos diletos de uma prática pedagógica que se convencionou 'chamar de "objetivos comportamentais", a saber, o bom técnico de ensino, o bom texto didático, é aquele capaz de prever comportamentos a priori tabulados, medidos, padronizados, etc. Instaura-se na educação a prática especializada, miúda, dos conteúdos de ensino. Fragmenta-se a práxis cultural em consequência da burocratização desse ensino.

Este quadro agride, a nosso ver, um dos mais significativos modos de pensar e refletir sobre educação que é justamente o reconhecimento tácito de que os objetivos comportamentais, centrados nos testes de múltipla escolha, devem receber sempre um tratamento discreto, provisório, simples, crítico, uma vez que o mais valioso em educação é o desenvolvimento de uma curiosidade, sabedoria, criação e discernimento que só podem ser descritos em termos metafóricos ou poéticos e jamais por objetivos comportamentais esperados e previsto pelos testes. Se pudessemos de fato centrar nossas preocupações sobre o comportamento do homem, afirmaríamos que ele é o ser da liberdade, e que nenhum grupo de objetivos comportamentais padronizados pelos testes pode garantir a via que nos conduza a avaliar o homem como um ser de liberdade. Nunca se soube que um grande número de objetivos comportamentais padronizados pudesse gerar um Heráclito, um Sócrates, um

Marx, Freud e tantos outros. Ao contrário, os objetivos comportamentais padronizados tendem a gerar homens padronizados.

Os objetivos comportamentais viabilizados pelos testes de múltipla escolha compõem, pensamos, a moldura de um processo de inculcação cujo fundo são os valores de cultura contidos na ordem histórico-social - valores esses que existem para servir um grupo social que padroniza os seus valores de cultura - tendo em vista a defesa de seus interesses de dominação. Partimos do pressuposto que a excessiva preocupação por objetivos comportamentais é um modo da estrutura burocrática exercer o controle sobre o comportamento do professor. Para a burocracia, o professor como o aluno, são pessoas que precisam cooperar - sem atritos e cujo comportamento padronizado possa ser facilmente influenciado e previsto.

Acresce que o professor não é uma pessoa isolada da sociedade. Não é tão pouco um exército de vanguarda ou de reserva da sociedade industrial, mas como tal é recebido por ela - em sua totalidade. Ele vive nessa sociedade e serve a ela. O modo como ele a serve é expresso, tal qual o trabalhador na fábrica, pelos afazeres miúdos e operações mínimas da escola. Trabalhar essas operações mínimas é o que define e o situa na totalidade da sociedade industrial. Importa lembrar também - que essas operações mínimas condicionam uma relação professor-aluno sem atrito, - o mesmo aluno que amanhã poderá ser recebido na fábrica numa relação operário-patrão também sem atrito.

Não sentimos mais a necessidade de prosseguir caçando - exemplos de como a ideologia dominante é veiculada no texto de literatura. A tarefa agora passa a ser irrelevante tendo em vista que os pontos-chaves pensamos ter apontado.

Cabe partir para uma tarefa mais urgente, que é justamente o que fazer face a esse universo nebuloso, ambíguo, reticente, cheio de incerteza - o do ensino de literatura.

P A R T E I V

Q U E - F A Z E R ?

Q U E - F A Z E R ?

"Se o homem é formado pelas circun
stâncias, devemos tornar hu
manas as circunstâncias"K.Marx

Vimos, ao longo dessas reflexões, que o modo como os au
tores de manuais tratam a literatura deixa sempre transparecer
a idéia de uma literatura existindo de modo autônomo, suas re-
lações com a história em seus aspectos políticos, econômicos e
sociais não são senão relações de concomitância fortuita ; ela
não é senão uma entidade desvinculada do real. Há um dado curio
so de um autor (1) que coloca textos de Jorge de Lima e Murilo -
Mendes lado a lado para ilustrar uma nova fase do modernismo e
dedica um longo comentário sobre o segundo.

Ao primeiro nenhuma análise, como se estivesse ali por acaso.
Do primeiro lemos um poema simples, belo, tocante sobre o negro,
real, escravo; do segundo, um poema hermético, sobre a condi-
ção humana abstrata, vaga... Ambos evidentemente fazem parte da
história real, mas por que a omissão ao primeiro?

Podemos concluir também que a ideologia tal como é veicu-
lada nos manuais de literatura não constitui o problema central
de educação, embora represente o tecido que recobre esse mundo'
escamoteando e dificultando a explicitação desses problemas cen-
trais. A própria aventura de tentar "flagrar" a ideologia em tu
do aquilo que se faz e pensa pode se tornar inútil, penosa, re-
ticente, se não levarmos em conta esse dado.

(1) - Ver Douglas Tufano, ob. cit. , p. 174

O espetacular "fantasma da ideologia" se situa na ponta de uma crise cultural, política e social, as quais costumamos resumir numa expressão-chave: crise econômica.

Vivemos num país sem projeto histórico ou quando muito à merce de um projeto histórico do capital, que escamoteia a exploração e a dominação proclamando o princípio da livre iniciativa. Escreve Henry Breverman que

" é somente na era do monopólio que o mundo capitalista de produção recebe a totalidade do indivíduo, da família e das necessidades sociais e, ao subordiná-los ao mercado, também os remodela para servirem às necessidades do capital. É impossível compreender a nova estrutura ocupacional - e, em consequência, a moderna classe trabalhadora - sem compreender esse fato. Como o capitalismo transformou toda a sociedade em um gigantesco mercado' é um processo que tem sido pouco estudado, embora constitua uma das chaves para toda a história social recente." (2)

A escola é uma agência privilegiada que ajuda a "remodelar" o trabalhador a serviço desse capital. E o primeiro trabalhador que ele "remodela" é o próprio professor. Os mecanismos de controle e dominação montados a serviço do capital tendem a gerar, pelo processo de inculcação, a consciência falsa da necessidade do professor se tornar "moderno" adquirindo manuais didáticos modernos, comprando atualíssimas receitas pedagógicas

(2) - Henry Breverman, obr. cit., p.

sob a pedanteria da sigla de "engenharias sistêmicas".

O professor se esvazia de sua condição de agenciador de cultura para se transformar em camelô de retalhos coloridos dos livros didáticos. Entre o capital e a escola intermedeiam dois grupos de força em conflito: as empresas editoras, numa disputa feroz para conquistar e controlar o mercado ampliando-o o máximo possível e os professores, usados como caixeiros viajantes' dessas empresas e que, embora paradoxalmente desarmados em seu saber, não se desarmam de sua revolta, expressa na indiferença com que tratam a questão do livro didático - a questão pedagógica - e na revolta com que lutam para resgatar a dignidade de sua profissão.

Os manuais de literatura, portanto, se inserem no contexto geral da própria crise da educação em função do contexto da sociedade capitalista a que ela serve.

Redirecionar o seu conteúdo didático, envolve inicialmente uma luta indireta para entender e interferir nessa crise.

Que-fazer?

Podemos, à guisa de sugestão, apontar duas tarefas básicas : primeiro, formar um referencial teórico que ajude a nos situar; segundo, indicar algumas saídas.

Essa discussão pode centrar-se em dois níveis. O do profissional do ensino propriamente dito e quais seriam os objetivos de um ensino de literatura?

Sobre o profissional do ensino, escreveríamos o seguinte:

1. - Reconhecemos que na maioria dos centros universitários hoje os profissionais do ensino (os novos -

e infelizes caixeiros viajantes do livro didático) não aprendem como enfrentar seu trabalho. A exigência de uma visão crítica - da sociedade, de suas contradições, de seus mecanismos de dominação, não encontra respaldo em seus currículos e programas.

É preciso reverter o processo. Mas reconhecemos aqui que este ato escapa ao domínio escolar, e constitui um problema de decisão política que permeia toda a sociedade. Mesmo porque o grupo social que controla as decisões políticas não tem efetivo interesse na educação, sobretudo educação de alto nível - e que significa educação de alto custo para os filhos dos outros. Seus próprios filhos que antigamente iam para o estrangeiro estudar, hoje têm sua escola particular de alto nível. E se a grande indústria necessitar de mão de obra especializada de alto nível, vai buscar lá fora - por questões óbvias de dependência econômica.

2. - Mas isso não impede que os profissionais do ensino tomem consciência desse problema de decisão política e lutem - por uma pressão também política. Não podemos ficar indiferentes à pirataria do texto didático, dos custos excessivos, como se vivêssemos numa sociedade de opulência e de desperdício (Isto - evidentemente se explica: desperdício significa maiores vendas, e maiores lucros para as empresas manipuladoras do mercado).

3. - É preciso começar a pensar na possibilidade de percorrer o caminho da perda, a saber, dar de ombros, nem que for por um tempo, ao livro didático e recorrer a uma pedagogia da criação. Lutar para preservar a identidade e resistir à dominação. A melhor sigla para os debates, painéis, seminários, conferências, revistas, - chama-se resistência.

O profissional do ensino não é um técnico, um especialista, é antes de tudo um profissional do humano, do social, da política.

4 - Propomos, no tratamento do estudo da Literatura, uma atitude interdisciplinar. Isto porque, obviamente, se reconhece no texto literário uma grande diversidade de sentidos e a impossibilidade teórica de manter-se a mesma diversidade no nível de leitura. E de uma ou outra maneira, em todos nós está presente o mesmo dilema: como passar da História à Literatura ou, mais especificamente, como instaurar uma linguagem crítica capaz de dar ^{CONTAS} da correlação entre Literatura e História sem perder os elementos de tensão que vinculam criação artística e representação. Não é, reconhecemos ainda, fácil que os centros universitários formem super-men do ensino capazes de entender ao mesmo tempo de história, sociologia, psicologia, economia etc., visando especialmente Literatura. Por isso é que falamos em atitude interdisciplinar, que significa o exercício de uma consciência lúcida que não desanima em analisar qualquer fato sobre os mais variados aspectos. Não se deveria condenar, por exemplo, no livro didático que alguém coloque uma estampa de uma família pequeno-burguesa - papai - chinelo e mamãe - cebola-feliz. O que se condena é a ausência de um comentário sobre o que representa uma família pequeno-burguesa, e também a ausência de outras situações familiares: a de um campônes, de um favelado, operário, índio etc. A Vidas Secas de Graciliano Ramos não pode ser analisada apenas na perspectiva estética - o nosso Machado de Assis do Sertão. O que o livro suscita afinal como problemas de ordem social, como história, como obra de arte, como esperança?

Machado de Assis não pode continuar sendo tratado como o nosso herói - civilizador - aquele que emergiu do inferno e venceu ' na vida. Numa postura interdisciplinar pode até ser, mas ao lado da análise das condições históricas que propiciaram ou impediram o surgimento de outros Machados de Assis.

5 - *Somos favoráveis à criação de escolas-padrão- tipo ' Centros Regionais de Ensino e Pesquisa, Colégio Vocacional , Colégio de Aplicação, Centro Experimental de Ensino, que constituiriam bases geradoras de um padrão de referência para análise e escolha do livro didático. Não é possível continuarmos ' sem um padrão de referência para a escolha de um livro de estudo. Isto é tropacear sobre a educação de nossos filhos. Ficar ' à caça dos fantasmas de ideologia no livro didático e propor ' um tratamento sob suspeita, é o máximo que podemos fazer. Mas esse fantasmas tendem a não assustar mais - como aqueles da história de Oscar Wilde, porque um sentimento prático de urgência já domina o ambiente educacional em relação à necessidade ' da criação desses "critérios de segurança", desse padrão de referência. Aqui se trata evidentemente de uma medida que foge à alçada do professor e entra no território sombrio dos delega - dos do poder.*

Como conceber, porém, um projeto educativo para o ensino de literatura levando-se em conta a necessidade de percorrer esse caminho da perda a que nos referimos, renunciar por um tempo o livro didático e resistir à dominação?

Vejamos:-

1. - É inconcebível, sobretudo na área de língua e literatura, adotar-se um único livro didático para quarenta alunos. Por que em vez de quarenta livros didáticos iguais não - indicar dez livros diferentes? Teríamos menos custos e mais - qualidade, além de habituar o aluno a ler o livro em sua totalidade, solidarizar-se para a aquisição dos livros que passariam a ser um bem coletivo, - resistir assim a fragmentação - do texto. Numa sala de aula onde pudéssemos contar - circulando de mão em mão o ano todo - um bom dicionário, três ou mais romances, jornais diários, uma revista especializada em literatura, dois ou três livros de poemas, dois ou três livros de contos, um livro de história de literatura etc., como seria? Esta experiência foi adotada na EE1ª e 2ª graus Senador Paulo Egidio de Oliveira Carvalho, na Vila Maria, onde trabalhei como professor durante 5 anos e alcançou excelentes resultados. O entusiasmo pelo estudo de literatura na perspectiva cultural, social e política foi tão grande que os alunos chegaram a criar um meio de tornar oficial para toda a escola um nome de escritor a ser homenageado e estudado por mês. Organizava-se inicialmente uma campanha de fundos para aquisição de todas as obras de determinado autor; procurava-se, se caso o escritor fosse morto, contato com antepassados vivos e que forneceriam depoimentos novos; especialistas eram convidados para a análise global da obra e nenhuma afirmação poderia estar -

desvinculada do contexto global de onde a obra de arte se originara e qual sua importância.-

2. - Devemos encorajar os alunos a escutar, a falar, a ler, a escrever sobretudo aquilo que escuta, fala e lê, fornecendo os instrumentos de uma análise crítica do que eles entendem, lêem e vêem e também de uma auto-crítica do que dizem.

É estranho observar que sobre o ato de falar, quando entramos numa sala de aula para aprender, por exemplo, língua estrangeira, a primeira coisa que nos obrigam a fazer é falar, a abrir a boca; ao entrarmos na sala de aula para estudar a nossa língua e a nossa literatura, pedem-nos para calar a boca. Um dos mais ricos atos pedagógicos é ensinar as pessoas a escutar evidentemente, mas o ato de escutar só pode ser garantido pelo ato do bem-falar. É de Theodoro Adorno esta observação :

" Se ninguém é capaz de falar realmente, é óbvio também que já ninguém é capaz de ouvir."

3. - O ato de encorajar e ensinar o aluno a falar, nos encoraja também a resgatar a retórica. Considerada no passado a ciência da palavra, de sua argumentação, de seus procedimentos de raciocínio e de persuasão, poderíamos investir numa retórica crítica que seria o ensino da palavra em ato, e que buscaria no ensino de literatura não mais os falsos artifícios - do dizer-bonito, mas o bem-dizer lúcido, reivindicando sempre a resistência contra as forças da ideologia inculcadora ou do silêncio que anula o homem.

110

4. - Resistir à falsa idéia de ler parte do texto literário e ler o livro integralmente visando gerar o hábito de ver o texto em sua unidade e em ^{total}diversidade. É impossível em arquitetura você ver apenas uma pedra do Parthenon, em pintura ver apenas o nariz de um retrato, em música escutar apenas uma nota musical de uma tocata e fuga. Cremos que em literatura, guardadas as devidas proporções, deveria acontecer o mesmo.

5. - Evitar a prática inocente de diabólicos inventores de linguística e aceitar o risco do ensino inventivo e aberto, longe de um saber fechado e uma cultura feita. Tornar-se aprendiz de uma atividade criadora, a do leitor-autor, leitor e autor de uma cultura em eterna mudança, de uma cultura que é o bem de todos. Só se pode preservar o passado compreendendo as mudanças de hoje.

6. - Reconciliar a leitura (som,canto) e literatura. Isto supõe que a literatura não seja considerada como um fim em si mesma. Leitura (som,canto) da literatura é o complemento mais acabado da própria leitura que fazemos quotidianamente do mundo por meio de som e de canto. E por isso leitura da literatura nada mais é - não querendo fazer aqui retórica vazia - do que releitura do mundo de modo humanizado. Seria um modo de resistir à fragmentação da práxis cultural, quando tratamos de literatura, perceber e fazer perceber que o poeta quando escreve, ele o faz para ser lido em voz alta - seus versos se possível' devem ser cantados. É curioso notar que Os Sertões de Euclides da Cunha, assim como Grande Sertão : Veredas, de Guimarães Rosa foram escritos para serem declamados. Trata-se de livros que se representam sonora e plasticamente e uma leitura solitária só pode empobrecê-los.

- 119 -

Antes, no entanto, da leitura de Os Sertões ou Grande Sertão: Veredas, por que não criar condições para que o educando sole tre e cante As Rosas não Falam de Cartola, Sinal Fechado de Buarque de Holanda etc.? Aprender literatura é também ingressar no universo de ritmos, fôlas e sons. É não permitir que se dê um tratamento específico de literatura apenas como história da dor e angústia humanas, mas também como aventura e conquista. Será que um povo que não aprendeu a cantar por meio de sua própria literatura não estaria fadado a perder a sua identidade?

7 - Articular o ensino da literatura com os recursos da imagem. Não somos pessoa versada em imagem, mas não podemos continuar acreditando que os homens ainda hoje soletrem o mundo ao olhar para o mundo e ao ser visto pelo mundo. É certo que contra o imperialismo da escrita se contrapõe hoje o imperialismo da imagem, numa disputa cheia de zonas e sombras e que não podemos analisar bem seus efeitos na cultura porque cultura é um fenômeno bastante avesso a padrões de referência. Não é sem razão que a criação literária no mundo hoje não encontra mais vez para as grandes enciclopédias do romance, nos moldes de um Dom Quixote, O Primo Basílio, Guerra e Paz, Ulisses, Os Sertões. etc. A criação literária "se ajeita" nesse apertado mercado de reserva da comunicação. E nós, nas escolas, que jeito temos dado para explorar a relação literatura e imagem?

8 - Não podemos negligenciar a representação teatral como um rico instrumento pedagógico da literatura. Aqui se fala especificamente da representação plástica da palavra no palco

ou nos palcos da vida - que é o nosso quotidiano. É inevitável - e muitas vezes até recomendável - que se faça uma leitura solitária de uma obra de arte. Mas não há leitura feita para o atoleiro do esquecimento: lê-se para assimilar um estilo de vida, para comunicar um pensamento, para representar uma voz, para romper a solidão do apagamento, para representar e se apresentar, enfim, para viver mais resistindo ao menos da vida. A literatura nos introduz no universo dos signos culturais que se multiplicam na representação do som, da imagem, mas também dos gestos: mãos, braços, olhar, pernas, -corpo enfim. E a representação teatral é um instrumento - diga - mos - radical para mover pessoas, romper preconceitos, gerar' posturas novas, formar o homem (ou entortá-lo?).

9. - Face ao texto literário, a questão que se coloca, que cultura literária ensinar, se a "sábia" ou a "popular", nos parece falsa. A questão é

" como se insuerver no campo dinâmico da cultura, como ser parte participante, constantemente, no - universo confuso desse campo", "estabelecer uma - relação ativa com a cultura, uma relação de massa, unindo indissolivelmente conhecimento e prazer, - trabalho e jogo, tais são os objetivos de uma peda gogia nova, objetivos propostos para perturbar os esquemas existentes em que o escritor-gênio não - teoriza, o mestre devotado critica mas não escreve o aluno passivo consome e sofre mas não agita."(3)

(3) - "École: pouvoirs et démocratie, livre collectif. Diffusion dialectique, 77 bis, rue Legendre 75012. Paris .
Pág. 112

10. - E para fim de conversa diríamos ainda que a educação é um ato de mudança e decisão constantes, porque somos, em nossa origem, ruptura, desgarramento, desencontro, desca-
minhos, liberdade. Somos, em nosso centro ontológico, falta,-
fenda, spaltung.

A cultura é o esforço humano para lançar pontes sobre o abismo e não se perder na sempiterna mudança. É preciso, pelo trabalho e pela linguagem, organizar o mundo humano e domar a natureza.-

B I B L I O G R A F I A :-

- Adorno, Theodor W., in Comunicação e Indústria Cultural, -
Gabriel Cohn (organizador) - São Paulo -
Editora Nacional - 1978.
- Althusser, Louis, Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado
São Paulo - Livraria Martins Fontes, s.d.
- Arendt, Hannah, Entre o Passado e o Futuro - São Paulo - Edi-
tora Perspectiva - 1972
- Azevedo, Fernando de, A Cultura Brasileira - São Paulo - Edi-
ções Melhoramentos - 1971
- Bakhtin, Mikhail (volochinov), Marxismo e Filosofia da Língua
gem - São Paulo - Editora Hucitec - 1981.
- Barth, Hans, Ideologia y Verdad, Fondo de Cultura Economica -
México - 1970
- Benjamin, Walter et alli, in Os Pensadores, volume XLVIII -São
Paulo - Abril Cultural - 1975
- Burniston, Steve e Weedon, Chris, Ideologia, subjetividade e o
Texto Literário, in Da Ideologia - Rio de
Janeiro - Zahar Editores - 1980
- Bourin, André et alli, L'enseignement de la Littérature - Paris
Editions Fernand Nathan - 1977
- Canclini, Nestor Garcia, A Produção Simbólica - Rio de Janeiro -
Editora Civilização Brasileira S.A. -1979.
- Candido, Antônio, Literatura e Sociedade - São Paulo - Companhia
Editora Nacional - 1965
- Charlot, Bernard, A Mistificação Pedagógica - Rio de Janeiro -
Zahar Editores - 1975
- Chauí e Franco, Marilena e Maria Sylvia Carvalho, Ideologia e
Mobilização Popular - Rio de Janeiro - Paz
e Terra - 1978

- Chauí, Marilena, Cultura e Democracia, São Paulo, Editora Moderna, 1981.
- Coelho, Nelly Novaes, Literatura & Linguagem, São Paulo, Edições Queiron Limitada, 1976.
- Costa, J. Cruz, A Filosofia no Brasil, Porto Alegre, Livraria Globo, 1945.
- Coutinho, Afrânio, Introdução à Literatura no Brasil, Rio de Janeiro Livraria São José, 1964.
- Cunha, Euclides da, Obra Completa, Rio de Janeiro, Companhia' José Aguilar Editora, 1966, 2 volumes.
- Da Ideologia - Organizado pelo Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- Eco, Umberto, Apocalípticos e Integrados, Editora Perspectiva, 1979.
- Escarpit, Robert et alli, Le Littéraire et le Social, Paris, Flammarion, 1970.
- Faure, Edgard, Aprender a Ser, Lisboa, Portugal, Livraria Bertrand, 1972.
- Freire, Paulo, Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1977.
- Goldmann, Lucien, A Criação Cultural na Sociedade Moderna, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- Idem, Dialética e Cultura, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- Gracibard, Alle, Liberdade para as Crianças, São Paulo, Editora Brasiliense, 1976.
- Gramsci, Antonio, Literatura e Vida Nacional, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.
- Idem, Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Rio de Janeiro Editora Civilização Brasileira, 1978.
- Idem, Concepção Dialética da História, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.

- Isambert-Jamati, Viviane, Crises de la Societé, Crises de l'enseignement, Paris, Presses' Universitaire de France, 1970.
- Kolakovski, Leszek, El Hombre sin Alternativa, Alianza Editorial, Madrid, 1970.
- Kuentz, Pierre, L'envers du Texte, Paris, in Littérature, Révue Trimestrielle, n°7, octobre, 1972.
- Lajolo, Marisa, O que é Literatura, São Paulo, Brasiliense, 1972.
- Lambert, Jacques, Os Dois Brasis, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- Lins, Osman, Problemas Inculturais Brasileiros, São Paulo, Summus, 1977.
- Lukács, Georg, Ensaio sobre Literatura, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.
- Idem, Realismo Crítico Hoje, Coordenada-Editora de Brasília - Ltda., 1969
- Macherey, Pierre, Pour une Theorie de la Production Littéraire Paris, Francois Maspéro, 1978
- Marx, Karl, Contribuição à Crítica da Economia Política, in - Marx & Engels, Obras Escolhidas, Rio de Janeiro - Editorial Vitória Ltda., 1961, Vol I
- Idem, La Ideologia Alemana, Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos - 1959
- Moura, Clovis, Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha, - Civilização Brasileira, 1964
- Nabuco, Joaquim, Minha Formação, Brasilia, DF, Editora da Universidade de Brasilia - 1970
- Pereira, Luiz Carlos Bresser, A Sociedade Estatal e a Tecnoburocracia, Editora Brasiliense - 1981.
- Picon, Gaetan, O Escritor e sua Sombra, São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1969

- 125
- Pinto, Álvaro Vieira, Ciência e Existência, Paz e Terra, 1979
- Popper, R. Karl, Conjecturas e Refutações, Brasília, Editora - da Universidade de Brasília - 1983
- Poulantzas, Nicos, O Estado, o Poder, o Socialismo, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1980
- Prevost, Claude, Littérature, Politique, Ideologie, Paris, - Editions Sociales - 1973
- Rocco, Maria Thereza Fraga, Crise na Linguagem, São Paulo, - Editora Mestre Jou - 1981
- Sociologia e Arte, Organização e Introdução de Gilberto Velho, Rio de Janeiro, Zahar Editores - 1966
- Snyders, Georges, Pedagogia Progressista, Coimbra, Livraria - Almedina - 1974
- Sodré, Nelson Werneck, História da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960
- Idem, A Ideologia do Colonialismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira - 1965
- Teoria da Cultura de Massa, Adorno et alii; introdução comentários e seleção de Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro, Paz e Terra - 1982
- Thibaudeau, Jean, Scialisme Avant-Garde Littérature, Paris - Editions Sociales - 1972
- Vázquez, Adolfo Sánchez, As Idéias Estéticas de Marx, Rio de Janeiro, Paz e Terra - 1978
- Vernier, France, L'écriture et les Textes, Paris, Éditions Sociales - 1974
- Williams, Raymond, Cultura e Sociedade, São Paulo, Editora Nacional - 1969
- Idem, Marxismo e Literatura, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979